



nº 6 • maio 2026 • ISSN 1676-157X

stylus^{CADERNO}

Stylus, Escritos e Transmissão
Edição Comemorativa – 25 anos

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil

escola de psicanálise dos fóruns do campo lacaniano - brasil

Caderno
Stylus

Stylus, Escritos e Transmissão

Edição Comemorativa – 25 anos

Stylus	São Paulo	nº 06	p. 1-100	maio 2026
--------	-----------	-------	----------	-----------

© 2026, Escola de Psicanálise dos Fóruns do
Campo Lacaniano – Brasil (FFCL/EPFCL-Brasil)

Caderno Stylus 6

Stylus, Escritos e Transmissão: Edição Comemorativa – 25 anos
Caderno Stylus é uma publicação especial da Revista Stylus.

COMISSÃO DE GESTÃO DA FFCL/EPFCL-BRASIL

Diretora: *Gláucia Nagem de Souza*

Secretária: *Elynes Barros Lima*

Tesoureira: *Daniele Guilhermino Salfatis*

EQUIPE DE PUBLICAÇÃO DE STYLUS

Ercília Maria Soares Souza (editora)

Francina Souza

Geísa Freitas

Paula Bastos

Sheila Skitnevsky Finger

PRODUÇÃO EDITORIAL

Débora de Castro Barros

COPIDESQUE E REVISÃO DE TEXTOS

Débora de Castro Barros

ORGANIZAÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E

PUBLICAÇÃO DIGITAL

113dc Design+Comunicação

TIRAGEM

500 exemplares

FICHA CATALOGRÁFICA

Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil.

Stylus, escritos e transmissão: Edição Comemorativa – 25 anos / organização de Ercília Maria Soares Souza, Francina Souza, Geísa Freitas, Paula Bastos, Sheila Skitnevsky Finger. – São Paulo: EPFCL-Brasil, 2026.

100 p. ; 27 cm. – (Caderno Stylus ; n. 6)

ISSN 1676-157X

1. Psicanálise. 2. Transmissão. I. Souza, Ercília Maria Soares. II. Souza, Francina. III. Freitas, Geísa. IV. Bastos, Paula. V. Finger, Sheila Skitnevsky. VI. Título. VII. Série.

CDD 150.195

sumário

05 APRESENTAÇÃO: Ercilia Maria Soares Souza

STYLUS, EQUIPES E REGISTROS

- 09 *Stylus*: a Escola e a transmissão da psicanálise: Andréa Hortélio Fernandes
- 13 O tempo das homenagens: Andréa Brunetto (coordenação), Alba Abreu Lima, Andréa Hortélio Fernandes, Daniela Scheinkman e Maria Helena Martinho
- 15 A pena de *Stylus*: Ana Laura Prates
- 19 Levantando questões: Silvana Pessoa
- 25 Rastros de um fazer com a letra: Ida Freitas
- 29 *Stylus* em nuvens, fora da bolha e na Escola: Joseane Garcia, Julie Travassos, Ana Paula Lettiere Fulco, Geísa Freitas, Rosana Maldonado e Vera Pollo
- 33 Avante, *Stylus*!: Ana Laura Prates
- 39 Traço e memória: escrita e transmissão em 25 anos de *Stylus*: Elynes Barros Lima

ESTILO, ESCRITA E TRANSMISSÃO

- 45 Estilos e *Stylus*: Sonia Alberti
- 53 Estragos é o que pode nos acontecer de melhor: Andréa Franco Milagres
- 61 A transmissão da e na Escola de Lacan: Glaucia Nagem de Souza
- 67 Garantia e responsabilidade no conceito de Escola e na transmissão da psicanálise: Christian Ingo Lenz Dunker
- 75 A escrita da clínica psicanalítica: da novela familiar ao nó singular: Dominique Touchon Fingermann
- 85 Escriturar-te: Antonio Quinet

Apresentação

Stylus, Escritos e Transmissão 25 anos é uma celebração pelo tempo de publicação da revista *Stylus*. Isso mesmo, 25 anos completados em 2025! Um tempo de trabalho, construído ano a ano, com dedicação e colaboração de muitos colegas.

Para a primeira seção, intitulada “*Stylus*, equipes e registros”, convidamos os coordenadores, convite extensivo aos participantes das equipes editoriais, desde o primeiro número, para escrever sobre suas experiências na produção da revista. Recebemos oito textos. São escritos-testemunhos que versam sobre entrelaçamentos de histórias — por exemplo, sobre quando registramos que a Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano no Brasil e a primeira publicação de *Stylus* têm datas próximas de início; sobre uma aposta nos textos marcada pela insistência em escrever e transmitir, mantendo a inquietação, o estranhamento e a atenção aos impasses de nosso tempo; sobre como organizar, atualizar, manter os processos editoriais, ampliar indexadores e criar estratégias para expandir a circulação da revista; e, por fim, sobre como retornar no tempo, pela escrita, tornando as memórias “consultáveis”. Nesses escritos, temos palavras transmutadas em poesia, músicas, recordações, relatos, barulhos..., ecos de um tempo, registros de cada um que topou o desafio de nos oferecer um escrito que mostra recortes de suas trajetórias enlaçadas com a história de *Stylus*.

Para a segunda seção, articulamos um tema que está contido em seu título, a saber, “Estilo, escrita e transmissão”. Convidamos colegas que contribuíram com a revista em vários momentos e de muitas maneiras. Não indicamos subtemas ou direções conceituais, somente itens para a formatação textual. Propusemo-nos acatar os escritos considerando o percurso, as articulações, as produções de cada convidado, em suas singularidades. Recebemos seis textos. Há, aqui, um oferecimento generoso de palavras. Constatamos também uma coletânea de termos, referências, elaborações, apontamentos teóricos e clínicos, direções de trabalho, indicações para pesquisas etc. No entanto, é preciso destacar um ponto de ancoramento: os textos vão tecendo um fio da meada, ou, ainda, um fio da fala em uma língua afiada, por assim dizer; o estilo de cada um. Isso nos interessa sobremaneira. E é essa pluralidade de vozes e escritos que nos acompanha na formação e na transmissão, e que também norteia o trabalho editorial desta revista.

Boa leitura.

Ercília Maria Soares Souza
Pela Equipe de Publicação de *Stylus*, biênio 2025-2026
Fortaleza, 27 de março de 2026

Stylus, equipes
e registros

Stylus: a Escola e a transmissão da psicanálise

Andréa Hortélio Fernandes

A revista *Stylus* faz 25 anos, um quarto de século, e, para comemorar essa data, somos levados a rememorar um pouco a história prévia à fundação da nossa Escola. Isso faz com que retomemos o movimento de cisão com a Associação Mundial de Psicanálise (AMP) e a criação da Associação do Fórum do Campo Lacaniano no Brasil (AFCL-Brasil). A primeira edição da revista *Stylus* foi feita ainda pela AFCL-Brasil.

Em 1998, acontece a cisão com a AMP, e, em 2000, os analistas contrários à política da hegemonia do Um dentro do Campo Freudiano propõem a criação do Campo Lacaniano. Essa expressão foi utilizada por Lacan no seminário *O avesso da psicanálise*, no qual ele declara que por campo lacaniano ele designa o campo do gozo, ao qual ele não teria tempo de se dedicar. Colette Soler recupera essa citação e propõe que ela seja utilizada para o movimento dos Fóruns.

Inicialmente, surgiram os Fóruns, e alguns de nós acompanhamos o funcionamento dos Fóruns também fora do Brasil, como brasileiros que faziam a formação em psicanálise em paralelo a estudos de pós-graduação (mestrado e doutorado) na França. O surpreendente da configuração em questão era constatar que o movimento de insurreição nasceu dentro da própria Escola da Causa Freudiana (ECF) de Paris. Os encontros daqueles que vieram a criar a Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), na França, aconteciam em auditórios, em Paris, fora da ECF. As reuniões eram abertas a todos aqueles que tivessem interesse em debater, em um fórum, as questões cruciais da psicanálise em tensão naquela ocasião.

Era um número vivo de espíritos críticos ao descaminho que a Escola, criada por Lacan, tomou ao longo dos anos. Mesmo como estudantes de pós-graduação, muitos brasileiros sentiram o impacto da política do Um no laço criado entre o discurso universitário e o discurso do mestre por meio do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris 8, também criado por Lacan.

A experiência do descaminho implementado ao discurso analítico, ao se oferecer a chancela da universidade, e ao discurso do mestre serviu e serve de advertência para muitos analistas desde então.

O editorial da revista *Stylus* de 2000, intitulado “Escola: tempo de elaboração”, assinado por Andréa Hortélio Fernandes, descreve a *Stylus* “como um produto

do Espaço-Escola, instância da AFCL que reflete a crítica assídua do movimento analítico” (Fernandes, 2000b, p. 7). Situa a revista como uma publicação que tem por “objetivo centrar o seu debate nas questões relativas à Escola como uma comunidade inédita de trabalho que acolhe e sustenta o ato analítico” (Fernandes, 2000b, p. 7). Trata-se de uma revista que se propõe “a trazer à público a produção individual de seus membros dentro de uma perspectiva de elaboração coletiva” (Fernandes, 2000b, p. 7).

A revista, assim como a Escola de psicanálise que se almejava na primeira edição da *Stylus*, tinha por propósito “ser [um] lugar de acolhimento da relação de cada um com a experiência e com o ato que a condiciona” (Fernandes, 2000b, p. 7). Destaca-se ainda que, “embora ele se sustente apenas na própria análise, trata-se de apostar que, na Escola, o ato psicanalítico poderá ser traduzido por palavras” (Fernandes, 2000b, p. 8).

Estamos às vésperas do XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, dedicado ao tema “A formação do analista: urgências da nossa época”. De fato, a preocupação com a formação do analista existe desde Freud, como demonstram suas observações acerca das práticas dos analistas formados por seu legado.

Como sabemos, “alguns psicanalistas fizeram escola, influenciando outros analistas, ao se engajarem” (Fernandes, 2000a, p. 115), *vide* o exemplo de muitos pós-freudianos. Tal fato fez com que Freud alertasse “os analistas para, ao invés de se indagarem sobre como se dá a cura pela análise, se interessem pelos obstáculos que se colocavam no caminho que levava ao final da análise” (Freud, 1976, p. 252).

A psicanálise desde Freud se orienta, portanto, por uma ética distinta dos outros campos, que se atêm sobremaneira às urgências de uma época e menos às urgências subjetivas do sujeito, no que elas estão diretamente relacionadas com seus sintomas.

O real do sintoma como chave de leitura entrelaça o ato psicanalítico e a formação do psicanalista. Na “Proposição”, Lacan afirmou que há um real na formação do psicanalista, que, mesmo em uma Escola de psicanálise, produz sua negação sistemática e seu desconhecimento.

O real em jogo na formação do analista, $S(A)$, é “a estrutura que o analista monta com o sintoma” (Lacan, 1967, p. 374). A análise deve permitir ao analisante alcançar que o objeto a é um resto, um resíduo, sendo a “prova e garantia única, afinal, da alteridade do Outro” (Lacan, 2005, p. 36).

É pelo ato analítico que o analista, ao fazer função de objeto a , causa o trabalho analisante e pode operar sobre e pelo sintoma. Há uma desaificação necessária no início, ou seja, a separação dos termos da fantasia, $\$ \diamond a$, que é determinada pela desaificação do final da análise.

Portanto, a psicanálise está atrelada ao real da estrutura pelo sintoma singular a cada sujeito, e seu futuro está na dependência do que cada um pode extrair do tempo que passou como analisante.

A cada nova edição da revista *Stylus*, é lançada a aposta de que os analistas possam cuidar do futuro da psicanálise, não permitindo que o discurso analítico se confunda com o senso comum, as ciências humanas, médicas e sociais.

Referências bibliográficas

- Fernandes, A. H. (2000a, outubro). A Escola, o passe e o real da experiência psicanalítica. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (2).
- Fernandes, A. H. (2000b, outubro). Editorial. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (2).
- Freud, S. (1976). Análise terminável e interminável. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1967). O ato psicanalítico. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar.

O tempo das homenagens

Andréa Brunetto (coordenação)

Alba Abreu Lima

Andréa Hortélio Fernandes

Daniela Scheinkman

Maria Helena Martinho

Caros colegas, neste momento em que *Stylus* completou 25 anos e publica seu 52º número, nós, que compusemos uma equipe de *Stylus* há quase 20 anos, regozijamo-nos com essa marca. Do início de 2007 até o final de 2008, trabalhamos na organização dos números 14 a 18.

Stylus surgiu em consequência da história que nos move, que está no início dos Princípios Diretivos da Internacional dos Fóruns (IF): surgiu de uma contraexperiência que tem sua origem longínqua na dissolução, em 1980, da Escola de Lacan, a EFP. O Campo Lacaniano, sua IF e, também podemos dizer, nossa revista nasceram “de uma oposição ao abuso do Um na psicanálise”. Nossa Escola, a Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), surgiu para “sustentar a experiência original” em que consiste uma psicanálise, permitindo a formação dos analistas, outorgando uma garantia, e também para sustentar “a ética da psicanálise que é a práxis de sua teoria” (Jacques Lacan). Podemos dizer que nossa revista segue essa lógica das instituições que a sustentam.

A revista *Stylus* tem seções que publicam ensaios, resenhas, pesquisas, artigos teóricos e clínicos. Publica, sobretudo, os trabalhos apresentados pelos membros dos Fóruns e da Escola em nossos encontros nacionais. Assim, embora a revista esteja aberta a receber propostas de trabalho de qualquer autor que queira nela publicar, ela foi criada para fazer circular os estudos e as pesquisas dos membros do Campo Lacaniano. Ela realiza a dimensão internacional de nossa escola, pois, embora seja uma publicação da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), é um espaço para publicação da produção de nossos colegas pelo mundo.

Tem, assim, a função de desejar a escrita dos psicanalistas de nosso campo, sobretudo a escrita da clínica. Mas não somente. Freud tinha admiração por autores como Goethe e Shakespeare; além disso, teve contatos com escritores como Thomas Mann, Stephan Zweig ou Romain Rolland. Ele trocava correspondências com os autores, lia suas obras e as comentava. Sua transmissão passou pelo amor à letra, pelo amor à escrita. Freud também foi um grande admirador das obras de arte e se inspirava nelas na construção de seus escritos e em suas reflexões para fa-

zer avançar a psicanálise. No texto sobre a *Transitoriedade*, reproduz um diálogo travado na vida real entre o *Dichter* e o *Forscher* (um poeta e um pesquisador), entre um poeta e um amigo taciturno. Nesse texto, consegue juntar os personagens em torno do valor da vida. Com estilo próprio, causado por uma escrita que usa a ficção como recurso para escrever, Freud transmitiu sua experiência, fazendo surgir em si mesmo o poeta.

Na experiência de uma psicanálise, buscamos a ética do bem-dizer, nesse processo de criar, de escrever, de transmissão, de subversão; algo aí escapa e resta como estilo, em um fora de margem. E, desse resto, de uma escrita *causadora*, surge a construção de caso clínico ou a construção de uma obra. Isso não acontece sem trazer a marca de uma das modalidades lógicas, que é a contingência, um encontro que permite a passagem do impossível ao possível na experiência de uma psicanálise.

A relação sexual sendo impossível de escrever só pode ser escrita pela contingência, marcada por um encontro: a escrita de um Real, impossível a dizer e, por isso, um bem-dizer orientado pela ética da psicanálise. Do encontro com a causa, com o discurso psicanalítico, que a história da fundação da Escola, que comemoramos, não cessa de não se escrever, tornando-se a escrita de cada um de nós ao fazer laço.

E, para encerrar, quanto aos números específicos que organizamos, o primeiro, o 14, de abril de 2007, teve como seu primeiro trabalho o de Maria Anita Carneiro Ribeiro. Dizer isso hoje, tanto tempo depois da publicação e um ano depois do falecimento de Maria Anita, é transformar esse número em uma homenagem. O número seguinte, de novembro de 2007, teve como primeiro artigo o de Carmen Gallano, sobre família e inconsciente. Ela também nos deixou, há meses. E o número 16, de maio de 2008, teve como primeiro artigo o de Joan Salinas-Rosés, nosso colega do Campo Lacaniano da Espanha, que também já partiu.

Esses números são, hoje, homenagens aos que já foram, mas que, ao mesmo tempo, permanecem. O humano inventou a escrita, inventou a noção de tempo. Há um tempo que se esvai, mas um que permanece — é o da escrita.

A pena de *Stylus*

Ana Laura Prates

No final do ano 2008, fui convidada pela então diretora da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), Sonia Alberti, para ocupar a função de coordenadora da equipe de publicação de *Stylus* para o biênio 2009-2010. Retomando meu relatório na assembleia de 2009, após um ano de trabalho, recolhi algumas palavras, que reproduzo aqui:

Início esse Relatório agradecendo publicamente à CG [Comissão de Gestão] da AFCL [Associação Fóruns do Campo Lacaniano] pelo convite para coordenar a EPS [equipe de publicação de *Stylus*] e pela confiança em mim depositada, além do apoio que tenho recebido durante esse período. Quero também expressar meus sinceros agradecimentos a Andréa Brunetto, coordenadora anterior, bem como a todos os colegas que já ocuparam essa função e aqueles que compuseram as equipes anteriores. Se a *Stylus*, apesar de seus problemas, é uma revista respeitável em nosso campo, isso se deve ao esforço de cada um durante todos esses anos. Coube a mim dar continuidade a esse trabalho, levando em conta as especificidades do nosso momento atual, tanto no que se refere ao âmbito de nossa Associação quanto no que diz respeito aos campos nacional e internacional de produção de conhecimento na contemporaneidade, dentro dos quais também estamos inseridos. A revista *Stylus* é um importante meio para fazer cumprir nosso objetivo de promover a “crítica assídua” e de sustentar a presença da psicanálise no mundo.

A equipe de publicação de *Stylus* dessa época foi composta por Conrado Ramos, Leandro Santos, Silvana Pessoa e Paulo Rona — os quatro, então, do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP) —, Maria Helena Martinho, do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro (FCL-RJ), e Angela Mucida, ainda membro do Fórum do Campo Lacaniano Belo Horizonte (FCL-BH). Leandro e Angela, atualmente, não são membros da EPFCL-Brasil. Eu dizia em meu relatório: “quero exprimir minha admiração e gratidão pelo empenho com o qual, cada um com seu *Stylus*, seu estilo, sua marca, pode contribuir de modo único e insubstituível para a realização do trabalho”. Eu declarava, ainda, os critérios para o convite a esses e essas colegas:

Levando em conta as dificuldades de comunicação e a necessidade de viabilizar um trabalho em conjunto, pensamos em compor a equipe com alguns colegas da própria cidade do coordenador. Além disso, pensou-se em nomes que tivessem alguma experiência no campo da produção de periódicos científicos, facilidades com línguas e interesse por publicações, e demos continuidade à tradição da revista de sempre manter um nome da equipe anterior, que possa transmitir a experiência e dar continuidade ao trabalho, sem ruptura com o que já vem sendo feito.

É curioso como o primeiro critério, hoje, 15 anos depois, com todo o avanço da tecnologia na área da comunicação, parece obsoleto. Os outros dois me parecem, ainda hoje, bastante significativos.

Algo de que me lembro, espontaneamente, daquele período foi uma ocorrência com um traço anedótico: em algum momento, havia sido perdida a arte original da *Stylus*, palavra cuja história remete a um instrumento pontiagudo usado para escrever, grafar, marcar. Outra curiosidade, aliás, é que Edgar Allan Poe, em 1940, planejou lançar uma revista mensal literária, que se chamaria *The Stylus*. Voltando à nossa revista, a tal arte-desenho de Carolina Junqueira, que até hoje está presente em sua capa, consiste em uma pena usada para escrever. Ela havia sido substituída por outra arte — igualmente uma pena de escrever, porém mais moderna —, mas a original já havia deixado uma marca estética e, assim, decidimos tentar recuperá-la. Lembro-me com alegria de que tomei essa tarefa como uma missão, brincando de detetive, até encontrar nossa “pena original perdida” com a editora Contracapa. A memória é curiosa, mas agora, *a posteriori*, ocorre-me que se trata de um trabalho coletivo, esse de recuperar e guardar, simbolicamente, a caneta que escreve a história de nossa Escola.

Nossa equipe foi a responsável pela publicação da *Stylus* número 18 — “O tempo na psicanálise II” —, número especial para nós, que marcou a comemoração dos dez anos da Internacional dos Fóruns (IF). Naquele número, publicamos, em continuidade ao número 17 — “O tempo na psicanálise I” —, os trabalhos apresentados em nosso V Encontro Internacional da IF-EPFCL, que havia ocorrido em São Paulo no ano 2018.

Assumi essa coordenação editorial com o compromisso de repensar a estrutura de *Stylus*, bem como a política de indexação. Tomamos a decisão, junto à Comissão de Gestão (CG) da Associação Fóruns do Campo Lacaniano (AFCL), nome, à época, da atual EPFCL-Brasil, de realizar uma licitação para a contratação de uma empresa de editoração que cuidasse de modo profissional da diagramação e impressão da revista. Foram realizados quatro orçamentos, e optou-se por contratar os serviços da 113dc para a confecção de *Stylus*, levando-se em conta a relação custo-benefício oferecida.

Além disso, criamos um *e-mail* próprio para a revista, com o intuito de tornar mais institucional o processo de chamada para artigos e o recebimento e encaminhamento dos artigos para pareceristas. Alteramos o modelo de parecer enviado aos pareceristas, de modo a nos adequar às exigências das agências indexadoras de periódicos científicos. Consultamos um especialista, que nos orientou quanto a inscrevermos a revista em versão eletrônica no SciELO e em portais afins, condição *sine qua non* para melhorar nossa indexação. A *Stylus*, até então, só tinha a versão impressa, e a indexação no *Qualis* havia sido encaminhada pela bibliotecária do FCL-RJ. Nossa qualificação era, na época, Nacional C. A partir da *Stylus* 18, conseguimos incluir todos os resumos na base BVS Psi. Para que pudéssemos transformar a *Stylus* em uma revista eletrônica, precisaríamos manter a assiduidade, e essa foi uma das conquistas importantes de nossa gestão. A *Stylus*, então, passou a poder ser acessada eletronicamente no *site* da AFCL, viabilizada pela parceria com a equipe de *homepage* da época. No final de nossa coordenação, a *Stylus* encontrava-se indexada como Nacional B.

Quanto à política editorial, foram pensados alguns indicativos que pudessem orientá-la, segundo critérios que privilegiassem nossa orientação epistêmica e clínica, nossas agendas institucionais nacionais e internacionais — de acordo com os temas escolhidos para nossos encontros, congressos e jornadas —, bem como nossa política de vizinhança, intercâmbio e interlocução, tanto no que diz respeito aos colegas de outros países quanto no que se refere a colegas psicanalistas de outras instituições, e, ainda, a outras áreas de produção de conhecimento afins, tal como consta em nossas normas editoriais. Pensamos também que não seria interessante desconsiderar os critérios determinados pelas agências que regulam a produção científica no Brasil. A política que adotamos — e que está sendo gradativamente implementada — é a de nos adequarmos a tais exigências até o ponto em que tal adequação não implique transigirmos a política da psicanálise.

Nós apresentamos à CG da AFCL um projeto editorial com os números da revista que estariam sob sua responsabilidade, propondo que a equipe não cuidasse apenas dos aspectos estruturais e técnicos da revista, mas, fundamentalmente, que se encarregasse de pensar na política editorial da Associação que a sustenta e que ela ajuda a sustentar nas cidades. Propusemos que a revista *Stylus* pudesse, dali em diante, acolher as produções de nossos encontros nacionais e internacionais, mas também jornadas e colóquios locais. Propusemos a realização de entrevistas periódicas com colegas que haviam participado de nossa história até aquele momento. Fizemos também um levantamento dos principais programas de pós-graduação em psicanálise do país, para propormos uma política de troca com suas revistas. Essa política também nos parecia fundamental para a indexação de nossa revista.

Quanto à política de distribuição e vendas, decidimos fazer 500 exemplares, na expectativa de que promovêssemos a venda de nossa revista pelos Fóruns, mais além dos exemplares dos membros, cujo pagamento está incluído na cotização. Na época, nosso número de membros era bem menor, e nem todo membro de Fórum era membro da Associação nacional, o que foi modificado na assembleia de 2009, a partir da qual aumentamos a tiragem da revista. Sugerimos que os principais eventos de diagonais epistêmicas, jornadas, congressos e encontros de nossa Associação contemplassem um espaço de lançamento da revista *Stylus*. Propusemos também estabelecer contato com as principais livrarias especializadas em psicologia e/ou psicanálise do país, para pensarmos em uma parceria para vendas — havia uma aposta forte na distribuição da revista física. Planejamos também criar uma rotina de divulgação internacional de nosso periódico, a exemplo de outras publicações do Campo Lacaniano, o que me parece, até hoje, algo bastante importante.

Que a pena de *Stylus* siga escrevendo sua história, contribuindo para a escrita da história da psicanálise no Brasil.

Levantando questões

Silvana Pessoa

Qual seria a real demanda da atual equipe de publicação de *Stylus* (EPS) para organizar essa publicação extraordinária? Essa foi a pergunta que me fiz, quando recebemos o convite para participar desta edição comemorativa de 25 anos. A primeira resposta foi: ela certamente servirá como um inventário do muito que já foi produzido até aqui e poderá servir como guia para que futuros coordenadores se orientem. Muito bem. Dois bons propósitos.

Por que não aceitar a tarefa, então, se conseguirmos produzir um material vivo e que cumpra sua função de historicizar um movimento de construção e sustentação de laços de e na Escola? Ao longo da preparação deste texto, algumas outras questões foram emergindo. Vemos que, passados 25 anos, esse objetivo se ampliou. O que colocamos em seu lugar? A revista ainda cumpre sua função? Talvez, com esta revista comemorativa, possamos iluminar alguns pontos cegos na nossa história para os que já estão faz um tempinho e os que sempre estão chegando.

Sabemos que a cada biênio cada coordenador de uma EPS parte da sondagem do que estava sendo produzido pela anterior, escuta as demandas das Comissões de Gestão (anterior e eleita a cada biênio) e quem sabe aumenta um ponto em direção à qualidade e à circulação da nossa produção compilada nessa revista e em algumas outras que também são produzidas no nosso campo.

Relendo os editoriais para realizar essa tarefa, pude constatar que a revista se prestava, na sua origem, “a favorecer o intercâmbio e a difusão dos trabalhos diversos, Seminários de Escola e trazer a público a produção individual dos seus componentes”.¹ Ao longo do tempo, isso foi se modificando para “publicação de artigos apresentados nos Encontros Nacionais da EPFCL”, com algumas exceções, como publicação de resenhas ou conferências êxtimas de colegas de outros países, não proferidas aqui no Brasil, como aconteceu no número 24.

Dizia o editorial: “justificamos a inclusão dessas suas conferências por considerá-las de extrema importância para acompanharmos o debate que ocorre na França e darmos um tratamento clínico e teórico aos ecos que reverberam aqui no Brasil”. Hoje, não apenas seminários de Escola são difundidos na nossa revista. Mudanças constantes, decisões a cada vez, sem perder a orientação.

Nessa toada, algumas importantes ações editoriais também foram implementadas nesse biênio, que podem ser acessadas de forma mais detalhada por meio dos

1 “Apresentação” da *Stylus* número 1, publicada no ano 2000.

relatórios finais compartilhados nas assembleias. A principal foi nomeada “Cuidando da nossa biblioteca”, posto que entendíamos que nossa tarefa não estava restrita à produção de exemplares. Havia muito trabalho de bastidor a ser feito para circulação dessa produção.

Hoje, interrogo: será que, além de cuidarmos das vendas, não precisamos também, nos Fóruns, fazer um trabalho de fomento à leitura e ao estudo das revistas já publicadas entre nós? Será que elas estão apenas colorindo nossas estantes ou “enterradas” em caixas nas sedes das cidades onde são produzidas?

***Stylus* interessa e vende, precisamos cuidar disso melhor**

O primeiro procedimento dessa EPS foi o levantamento do acervo de *Stylus* nos Fóruns do Campo Lacaniano. Realizamos um mapeamento preliminar do acervo de revistas e elaboramos uma planilha para o “controle” do estoque. Entretanto, apesar da nossa boa vontade, não é muito consistente, pois não há um controle “rigoroso”, e nosso funcionamento é muito “poroso”.

Nesses dois anos, recebemos cerca de 60 pedidos de informação e solicitação de compra pela internet, dos quais 25 pedidos se concretizaram, com a venda de 99 exemplares. Percebemos que é muito importante a divulgação frequente da revista, que gera contatos na nossa comunidade e para além dela. Sugerimos retomar a divulgação por números e temas com regularidade, pois essas chamadas influenciam o número de pedidos e poderiam gerar pedidos de assinatura. No entanto, nessa gestão, recebemos dois pedidos dessa ordem, mas não encontramos uma forma de sustentá-los.

É importante mencionar também a iniciativa de expor e vender os números antigos de *Stylus* em um “pacote promocional”, que resultou em boa quantidade de vendas. Desde então, por ter sido uma prática eficaz, elas aconteceram nos encontros nacionais, internacionais e nos eventos locais, pois o importante é que a produção da nossa comunidade circule. Isso vem acontecendo? Parece-me que as equipes responsáveis pelas bibliotecas em seus respectivos Fóruns poderiam estar atentas a isso.

Ainda sobre esse ponto, após a frustrante experiência no Encontro Nacional em 2011, que resultou na venda de apenas cinco dos cem exemplares levados, decidiu-se insistir na divulgação da revista durante o Encontro Internacional, no ano seguinte, no Rio de Janeiro. Os coordenadores de mesa foram orientados a falar do conteúdo de algumas revistas, especialmente a que estava sendo lançada, e, dessa vez, todos os exemplares foram vendidos para aqueles que circulavam no encontro pelas bordas, sem receber as revistas gratuitamente, como os membros da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil).

Sobre as vendas das revistas nos Fóruns, desde o número 22, dez revistas seguiam junto com os exemplares de membros. Os valores cobrados antecipada-

mente na ocasião eram apenas o custo da revista, para que o valor excedente cobrado pudesse ficar nos Fóruns. Com anuência da Comissão de Gestão, permitimos que Fóruns menores, ou com dificuldades financeiras, pagassem as revistas após as vendas. O problema foi que, após essa flexibilização, o número de Fóruns que realizaram o pagamento antecipado foi diminuindo progressivamente, chegando a apenas três (Natal, Recife e Salvador).

Por essa dificuldade de controle, não temos como saber exatamente quantas revistas temos, nem quantas vendemos. Os únicos valores que podemos confirmar são aqueles que passaram por nós, vindos da venda pela internet ou nos encontros, como pode ser visto na tabela disponibilizada no relatório. Após muita conversa com a Comissão de Gestão, levamos a proposta de que dez revistas fossem doadas e que nenhum valor das vendas voltasse para a Federação (Associação, na ocasião), ficando nos Fóruns, o que foi aprovado pela assembleia geral, diminuindo bastante o trabalho da EPS. Esse procedimento ainda se sustenta ou foi alterado ao longo do caminho?

No segundo ano de trabalho, observando a importância para que nossas revistas pudessem ser lidas mais amplamente por *sites* de buscas, como o PePsic, contratamos uma bibliotecária para fazer a marcação de todas elas, iniciando com a número 24. Essa marcação, que utilizava a metodologia SciELO, fez com que nossos artigos pudessem ser acessados rapidamente por palavras-chave, tema ou nome de autor, facilitando a pesquisa de usuários dessas bases e a melhor qualificação da revista.

No final da gestão, ela havia chegado a receber B5, e, para que se mantenha com boa qualificação, como está no momento, faz-se necessário sempre *observar os critérios, a política e os procedimentos para a admissão e a permanência de periódicos científicos* na coleção SciELO. Quais são eles? A regularidade na periodicidade — ao menos uma publicação por semestre é fundamental; e a evitação da endogenia, ou seja, produzir uma revista que interesse *apenas internamente* a uma comunidade, com um conselho editorial composto *apenas pelos mesmos colegas*, que publica *apenas para si*, e não para fora, sem contribuir com a abordagem de temas que também interessam externamente.

O recebimento de grande quantidade de artigos de colegas nesses dois anos em que estivemos em função nos possibilitou receber os artigos apresentados nos encontros nacionais e encaminhá-los para o processo, de acordo com as orientações editoriais, sem atrasos. Assim, duas revistas sobre “A política do sintoma” foram publicadas, e duas outras, sobre “A lógica da interpretação”.

Também para facilitar o fluxo dos artigos e sob demanda da Comissão de Gestão, com a aprovação da assembleia, fizemos uma proposta na formatação do número 25, para alterar o *layout* original, que tinha notas ao lado das páginas. Também cuidamos para que a leitura dos nomes dos autores fosse acessada mais

facilmente. Assim, introduzimos, seguindo as normas, o nome do autor na parte superior, do lado esquerdo da revista, e o título do artigo, na página direita, também na parte superior, aprovados por assembleia na ocasião, com o encaminhamento de avaliar e votar a alteração definitiva ou não na assembleia em 2013. Verificamos que isso se manteve.

***Stylus* pode ser lida por um maior número de pessoas**

Para atingir esse objetivo, digitalizamos todas as revistas antigas, inclusive os dois números esgotados: 2 e 4. Elas foram cortadas para execução do serviço, e os dois únicos exemplares foram remontados. Foi sugerido que as próximas EPS dessem continuidade a esse procedimento, até completarmos nossa biblioteca virtual.

Verificamos, para a escrita deste texto, que até o número 16 elas foram digitalizadas completas, desde a capa, possibilitando pesquisar em toda a revista, desde a ficha catalográfica. No entanto, algo se perdeu nas revistas seguintes, que só foram digitalizadas a partir do editorial. Seria a troca do prestador de serviço que levou a esse resultado? Sabemos que as novas revistas não precisam mais passar pela digitalização, pois, terminado o processo de editoração, já são publicadas diretamente no nosso *site*.

Nesse período, 56 periódicos e 16 revistas foram doados e encaminhados ao endereço oficial da *Stylus*: Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro (FCL-RJ). Para que não se misturassem ao acervo do Fórum local, essas foram catalogadas como pertencentes à EPFCL-Brasil. Propomos, para tentar resolver essa questão, com a anuência da coordenadora da biblioteca do FCL-RJ, Geísa Freitas, o pagamento de uma taxa simbólica, a ser combinada, para que a bibliotecária cuidasse permanentemente dessa permuta e, posteriormente, se fosse do nosso interesse, também da digitalização do nosso acervo, criando uma biblioteca virtual da EPFCL-Brasil, que poderia ser acessada de qualquer lugar do Brasil.

Acompanharam-me em toda essa empreitada de cuidado com nossa publicação, funcionando em rede, as colegas da EPS 2011-2012, que tinham funções escolhidas por elas mesmas e de acordo com o primeiro levantamento de necessidades daquele biênio. São elas: Rosana Baccarini, do Fórum do Campo Lacaniano Belo Horizonte (FCL-BH), que, junto com as secretárias dos Fóruns em exercício naquele momento, fez um levantamento do nosso acervo e sustentou as vendas e as circulações das revistas que estavam “adormecidas” em caixas em depósitos dessas sedes, locais que acolheram a Comissão de Gestão; Sônia Borges, do FCL-RJ, que, com ótimas ideias, promoveu um grande número de vendas da *Stylus* (por meio de feiras de livros e divulgação pela internet — a cada vez, alguns exemplares eram vendidos; afinal, a oferta

gera a demanda) e tentou implantar o sistema de permutas com instituições; Andréa Milagres, também do FCL-BH, que, com um olhar atento e preciso, ajudou de forma contundente na revisão editorial de todos os números, discutiu e enfrentou situações desafiadoras com alguns autores para reescrita de artigos, com base nas sugestões dos pareceristas, em uma época em que o contato entre os autores e a EPS era feito mais diretamente; Andréa Hortélio Fernandes, do Fórum do Campo Lacaniano Salvador (FCL-Salvador), que ficou responsável pelo intercâmbio com nossos colegas franceses, ajudando na tradução de alguns textos e/ou nos *e-mails*, pela ocasião dos seus artigos nas revistas; Lia Silveira, do Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza (FCL-Fortaleza), que também foi responsável pela tradução e pelo recebimento e encaminhamento de artigos para os pareceristas nas duas últimas edições; e, por fim, Ana Paula Giansi, interlocutora, residente na mesma cidade que eu, na ocasião, membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP), que ajudou diretamente na montagem das quatro revistas² sob nossa responsabilidade, composição mosaica difícil, mas que, a nosso ver, resultou consistentemente em boa fonte de pesquisa. Como podem ver, uma composição de equipe geograficamente variada, mas que funcionou muito bem.

Nos quatro volumes sob nossa responsabilidade, publicamos artigos de colegas de outros países, tais como: Joan Salinas Rosés, Gabriel Lombardi, Colette Soler, Sidi Askofaré, Bernard Nominé, Marcelo Mazzuca, Luiz Izcovich, Marc Strauss e Manoel Baldiz, e de diversos colegas brasileiros, aqui listados por ordem alfabética: Alba Abreu, Ana Laura Prates, Andréa Milagres, Andréa Rodrigues, Ângela Mucida, Antônio Quinet, Barbara Guatimosim, Carlos Eduardo Frazão Meirelles, Christian Dunker, Conrado Ramos, Dominique Fingermann, Elisabeth da Rocha Miranda, Guilherme Mola, Heloisa Ramirez, Ida Freitas, Jairo Gerbase, Leandro Santos, Lenita Pacheco Duarte, Lia Silveira, Marcelo Checchia, Maria Helena Martinho, Maria Vitória Bittencourt, Michele Borges Parola, Raul Pacheco, Renata Martins Constâncio, Roberta Luna Russo, Ronaldo Torres, Rosanne Grippi, Silvana Pessoa, Sílvia Amoedo, Sônia Alberti, Sônia Borges e Tatiana Assadi.

Agradeço a todos os autores, que com seus artigos sustentaram a transmissão da psicanálise, e às colegas da EPS 2011-2012, por terem me acompanhado de forma tão generosa e rigorosa em todas as vicissitudes do processo de publicação e circulação da letra *freud-lacaniana*, encarnado no estilo de cada um que sustenta(ou) essa enorme arquitetura presente no Campo Lacaniano, que só faz expandir sua rede.

² Ficamos responsáveis por concluir o número 21, da EPS anterior, que não tinha sido finalizado a tempo, ou seja, no segundo semestre do segundo biênio.

Desejo que os próximos 25 anos sejam ainda bem produtivos para a *Stylus*, para que ela siga com seu propósito de promover o debate a respeito da psicanálise e suas conexões com os outros discursos.

Rastros de um fazer com a letra

Ida Freitas

Escrever sobre a experiência de participar da gestão da revista *Stylus*, na qual estive como coordenadora da equipe de publicação nos anos 2013 e 2014 (lá se vai pouco mais que uma década), faz-se uma tarefa inédita, que produz um efeito interessante de retroação e de recuperação da história de um fazer também inédito para mim à época, com consequências fundamentais para minha formação e afirmação do desejo de me engajar mais ainda e decididamente na construção de um trabalho coletivo na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) e na Escola.

Estar à frente dessa tarefa foi um grande desafio e responsabilidade, pela delicadeza do que é lidar com a letra, a escrita de outrem. Isso exigiu novos aprendizados, tempo, disposição, muita dedicação, interlocuções múltiplas e diversas com autores do campo da psicanálise e de outros campos do saber, assim como com pareceristas de distintos pertencimentos institucionais. Exigiu também a tomada de decisões algumas vezes difíceis e delicadas, mas necessárias, para que *Stylus* mantivesse sua qualidade epistêmica reconhecida na comunidade analítica, preservando sua característica de ser um veículo de transmissão para muito além de nossas fronteiras, que expressasse a maneira como nossa comunidade pesquisa, discute e pratica a psicanálise.

Tive a sorte de suceder à coordenação de Silvana Pessoa, que me transmitiu sua experiência como editora, uma orientação necessária para a passagem do trabalho. Foi ela quem, junto à sua equipe, entre outras iniciativas, deu partida à digitalização dos números antigos da revista, para constarem em nosso *site*, quando ainda não contávamos com a revista eletrônica, favorecendo o acesso virtual à coleção completa da *Stylus*. Fui também agraciada com uma equipe participativa e implicada em todos os passos da publicação, com quem tive um imenso prazer em trabalhar e pensar criticamente a elaboração de cada edição: Ângela Costa, Conrado Ramos, Geísa Freitas, Lia Carneiro, Luis Achilles e Silvana Pessoa, que seguiu compondo a equipe de publicação de *Stylus* (EPS).

Estive, portanto, como editora da *Revista de Psicanálise Stylus* nos números 26, 27, 28 e 29, assim como no *Caderno de Stylus* números 2 e 3. Essa experiência foi, para mim, mais do que um trabalho editorial: foi a oportunidade de participar ativamente de um movimento de transmissão da psicanálise, sustentando um espaço de escrita e de diálogo vivo entre clínica e teoria, da psicanálise e de outros saberes.

Nos números 26 e 27, sob o título “O que responde o psicanalista? Ética e clínica I e II”, acompanhamos de perto a imbricada articulação entre o ato analítico e suas consequências clínicas e éticas, como encontramos na conferência de Colette Soler, “A oferta, a demanda e a resposta”, na qual, partindo de uma distinção da posição atual dos analistas em relação às de Freud e Lacan, pergunta-se: “Como se fazer passar ao ato, em cada caso, a oferta já ali na cultura?”. E responde à questão marcando a diferença entre o saber e o saber fazer do analista, distinção fundamental, que leva Lacan a dizer que o analista só é responsável no limite de seu saber fazer. Entende-se, a partir daí, que toda e qualquer resposta do analista toca o saber fazer, saber dizer, saber interpretar, saber silenciar, para que se alcance um para além da fala, em uma báscula proposta por Lacan, do efeito de sentido para o efeito de sentido real.

Gostaria de destacar também, em *Stylus* 26, a instigante contribuição de nossa querida Maria Anita Carneiro Ribeiro como mais uma forma de demonstrar o quanto nossa comunidade foi privilegiada em contar de perto com sua transmissão original da psicanálise, em sua maneira irreverente, rigorosa, ética, sem nunca perder seu traço de insubordinação, intrínseco à causa analítica.

Para fazer eco aos debates, que seguem atuais, em torno das críticas e interdições do Estado sobre a atuação do psicanalista no atendimento do autismo no serviço público, a EPS considerou fundamental, à época, abrir o espaço da “entrevista”, que se intitulou “Psicanálise, autismo e saúde pública”, para ser mais uma voz que se tornasse uma escrita. Documentou, assim, as palavras experientes e marcantes de Maria Anita Carneiro Ribeiro, entrevistada por Luis Achilles Furtado — a história, a memória, os fatos, enfim, a posição da psicanálise diante do autismo e dos inúmeros julgamentos e sanções de que tem sido alvo.

Cito o comentário de Luis Achilles na apresentação da entrevista:

Ao chamar a atenção para que os psicanalistas não se amedrontem com as acusações que lhe são atribuídas, Maria Anita Carneiro Ribeiro me fez lembrar a advertência de Freud a Jung em seu texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*: “Primeiro cede-se nas palavras para logo ceder com as coisas”. (*Stylus* 26, p. 142)

Essa entrevista é um registro inestimável de *Stylus* sobre um viés de pensamento crítico da psicanalista Maria Anita Carneiro Ribeiro.

Já os números 28 e 29 se intitularam “A causa do desejo e suas errâncias I e II”, tema proposto para pensar a centralidade do desejo em sua dimensão estrutural, mas também suas formas errantes e imprevisíveis na clínica contemporânea.

Outra entrevista, agora em *Stylus* 28, realizada por Dominique Fingermann a Colette Soler, contextualiza o desejo com base no campo do gozo na atualidade,

o que se pode vislumbrar na resposta à pergunta “O mundo contemporâneo sofre pelo desejo ou pelos desregramentos do gozo? Tudo é possível, tudo é permitido no século XXI. Seria esse o fim do desejo?”. A isso, Soler responde: “Vejam os fatos: tudo é permitido e transformamos os desejos em direitos! Tudo é possível, nós tentamos isso! E na *land of plenty*, o clamor da insatisfação do desejo sobe na proporção dos bônus de gozo” (Soler, 2014, p. 136).

Gostaria, sobretudo, de destacar a importância dos *Cadernos de Stylus*, que marcaram esse período de publicação da revista. O *Caderno 2*, “O que tem a dizer o psicanalista sobre o autismo?”, dedicou-se ao tema do autismo no contexto das tentativas de exclusão da psicanálise do tratamento dessa condição. Fruto do movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública, reúne documentos e artigos que situam a posição clínica, ética e política dos psicanalistas diante do autismo, destacando sua inserção nas redes pública e privada de saúde e no saber fazer da clínica. Os textos abordam desde críticas ao discurso classificatório da psiquiatria até reflexões conceituais e relatos clínicos, reafirmando a aposta da psicanálise no autista como sujeito e sua contribuição singular para uma prática que se sustenta contra a segregação.

O *Caderno 3*, “Histeria e neurose obsessiva: o corpo e os fenômenos contemporâneos”, de Carmen Gallano, foi outro ponto alto dessa trajetória, cuja organização dos textos, a partir dos seminários realizados por Gallano em Campo Grande, em 2010, agradecemos a Andréa Brunetto. Sua publicação demonstra a potência e a atualidade da transmissão de Carmen Gallano, ao articular, com rigor e inventividade, a clínica das neuroses às transformações do corpo e da subjetividade na contemporaneidade. Temos agora a chance, com este texto, de homenagear essa fervorosa psicanalista do Campo Lacaniano e transmitir, com este registro, um pouco de sua marca, que segue como referência para o campo da psicanálise.

Se os números regulares da revista me colocaram diante do exercício de articular diferentes estilos de escrita e campos de pesquisa, os *Cadernos de Stylus* me ensinaram sobre a urgência da psicanálise em responder aos impasses de nosso tempo. Essa experiência reafirmou, para mim, que editar é, em certo sentido, também um ato: um modo de leitura engajada, de cuidado com a palavra e de aposta na transmissão da psicanálise como discurso vivo.

Agradeço a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, têm zelado por essa valiosa publicação, e especialmente à atual EPS pelo convite em participar desta edição histórica e comemorativa, que me deu a chave de sobrevoar o trabalho realizado e verificar os rastros deixados sobre minha formação, bem como o valor incalculável das contribuições dos autores que envolvem esse período para a psicanálise e seus praticantes.

Vida longa à *Stylus*!

Referência bibliográfica

Soler, C. (2014, junho). Entrevista com Colette Soler, por Dominique Finger-mann. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (28), 133-137.

Stylus em nuvens, fora da bolha e na Escola

Joseane Garcia, Julie Travassos, Ana Paula Lettiere Fulco,
Geísa Freitas, Rosana Maldonado e Vera Pollo

Em comemoração aos 25 anos da *Revista de Psicanálise Stylus*, este artigo revisita a gestão da equipe de publicação de *Stylus* (EPS) 2017-2018, destacando sua experiência e sua contribuição para o desenvolvimento da revista. *Stylus* é um periódico semestral da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), voltado à publicação de artigos inéditos tanto das comunidades brasileiras e internacionais do Campo Lacaniano quanto de outros autores, cuja leitura da psicanálise se orienta, sobretudo, pelos textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan. Desde sua criação, a revista se caracteriza pela crítica rigorosa, pela fidelidade à orientação da Escola de Lacan e pela abertura ao diálogo com outros discursos. *Stylus* ocupa um lugar singular dentro de nossa comunidade psicanalítica. Mais do que um veículo de circulação de textos, ela constitui um espaço de inscrição discursiva, no qual emergem questões institucionais, políticas e epistêmicas próprias à transmissão da psicanálise.

Este artigo extrai dois momentos decisivos de nossa experiência com a revista: a dificuldade em compor a equipe editorial, marcada por recusas, e a reorganização do trabalho a partir da criação da versão *online* em plataforma tecnocientífica, que suscitou debates sobre o lugar de *Stylus* em face do discurso universitário.

Ao assumir a revista, a coordenadora editorial fez convites a diversos membros de Fóruns espalhados pelo Brasil para se integrarem à equipe. No entanto, todos recusaram, alegando não dispor de tempo para se dedicar ao trabalho editorial. A saída encontrada foi recorrer a colegas mais próximos da coordenadora, que prontamente aceitaram. Assim, a equipe de 2017-2018 foi composta exclusivamente por membros do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro (FCL-RJ). O vazio deixado pelas recusas expôs um impasse institucional: o trabalho coletivo foi assumido apenas por um Fórum,¹ revelando algo de sintomático em relação à revista da EPFCL-Brasil.

O passo seguinte foi compreender o funcionamento da revista. Não houve uma transmissão das tarefas da equipe anterior, o que deixou os novos responsáveis praticamente à deriva. Sem o apoio da empresa 113dc,² na pessoa de Emerson

1 As EPS são compostas por membros de Fóruns diferentes.

2 Empresa que dá suporte ao trabalho de publicação da revista impressa.

Perez — a quem registramos nossos agradecimentos —, a gestão teria sido praticamente inviável. Toda a documentação da revista estava restrita a *e-mails* pouco organizados, sem distribuição de funções e critérios claros de seleção dos textos, pareceres irregulares e decisões fragmentadas, o que tornava difícil até mesmo identificar por onde começar o trabalho.

Diante desse cenário, surgiu a proposta de adotar um sistema de gerenciamento editorial. Foi então que se decidiu pela implementação da plataforma *Open Journal Systems* (OJS), muito conhecida no mundo acadêmico, com a hospedagem e manutenção de *Periódicos em Nuvens*. O OJS permite o gerenciamento completo do processo editorial: da submissão à publicação, passando pela triagem de manuscritos, comunicação entre autores e revisores, acompanhamento de prazos e registro de decisões. Para uma revista de psicanálise, que lida com textos densos e referências teóricas complexas, essa organização mostrou-se fundamental. Além de garantir transparência e rastreabilidade de todo o processo de editoração, preservando sua memória editorial, a plataforma assegura qualidade, por meio da avaliação por pares, preservando a imparcialidade no processo de seleção dos textos.

Outro ganho significativo foi a maior visibilidade dos artigos. Com a padronização de formatos e a indexação em bases de dados, o alcance da *Stylus* se expandiu, fortalecendo sua presença no campo psicanalítico e universitário, com acesso livre para qualquer usuário, seja no Brasil ou no exterior, o que retirou nossa revista de uma bolha. Em síntese, a adoção do OJS representou um marco para a gestão da revista, ao conjugar organização, eficiência e acessibilidade. Essa mudança permitiu que editores e colaboradores se dedicassem ao que é essencial: a transmissão da psicanálise.

No entanto, a decisão de ancorar a revista em uma plataforma digital científica levantou questionamentos de nossa comunidade: estaríamos submetendo *Stylus* ao discurso universitário, por seguir as normas científicas para uma publicação e indexação da revista?

Sabemos, com Lacan, que o discurso universitário é o discurso da burocratização, na medida em que a burocracia pode ser pensada como um aparato técnico-administrativo, que é responsável por definir parâmetros racionais, capazes de ordenar, regular e avaliar o funcionamento de um sistema ou de uma instituição. Esse discurso pode apresentar-se sob diferentes disfarces, como o papel da tecnologia, por exemplo. Seu matema revela que quem o agencia é o saber. O saber no formato do discurso universitário se traduz em um conhecimento organizado e cumulativo, capaz de converter-se em uma burocracia que apaga o desejo.

No discurso do analista, quem ocupa a posição de agente é o objeto *a*, como causa de desejo. Lacan diz que a posição do analista:

É como idêntico ao objeto *a*, quer dizer, a isso que se apresenta ao sujeito como a causa do desejo, que o analista se oferece como ponto de mira para essa operação insensata, uma psicanálise, na medida em que ela envereda pelos rastros do desejo de saber. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 99)

O discurso do analista proporciona a produção de um saber construído a partir do sujeito do desejo, e esse saber vigora no lugar da verdade, fazendo com que um saber totalitário vacile e caminhe. Portar o saber no lugar da verdade e sob a barra do agente nos informa que a verdade desse discurso é que o analista tem um saber, mas um saber não completamente sabido, pois, se temos apenas uma meia-verdade, também teremos um meio-saber.

Como passar de um discurso universitário a um discurso no qual comparece a transmissão de um saber não-todo?

Verificamos que o risco de cair no discurso universitário está no próprio estatuto da EPFCL-Brasil, pois a indexação da revista *Stylus* é uma exigência prevista em estatuto. A colocação da revista em uma plataforma digital estava de acordo com uma determinação de nossa própria Escola, e não com uma submissão ao modelo universitário. Não é a plataforma ou a indexação de *Stylus*, portanto, que farão com que ela veicule o discurso universitário.

Em “A psicanálise e seu ensino”, Lacan (1957/1998, p. 438) sustenta que, para falar de transmissão, “é preciso que cada analista se esforce para reinventar a psicanálise”. Entre o discurso universitário e o discurso analítico, pensamos, com Lacan, que o movimento discursivo, “se não gira, range” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 170). Isso nos leva a refletir sobre o que não funcionou na transição dessa equipe. Por que os colegas não aceitaram entrar para a EPS? Por que a engrenagem não fluiu?

Em seu *Seminário 20*, Lacan (1972-1973/1996) aponta para duas questões que podem nos ajudar a avançar na elaboração. Primeiro, afirma que é somente a presença do discurso do analista que permite a estruturação dos demais discursos. Em seguida, declara que entre um discurso e outro haverá sempre alguma emergência do discurso do analista.

Ao aplicar essas categorias que em si mesmas só se estruturam pela existência do discurso psicanalítico, é preciso prestar atenção à colocação em prova dessa verdade de que há emergência do discurso analítico a cada travessia de um discurso a outro. (Lacan, 1972-1973/1996, pp. 26-27)

Lacan concebe o discurso do analista como estruturalmente subversivo, na medida em que se articula a partir do ponto de impossibilidade que faz vacilar os de-

mais discursos. Todavia, esse discurso também pode ser pensado como o giro dos discursos: o discurso do analista tem como efeito a não fixação em um discurso. Lacan assinala, nesse sentido, que em toda movimentação discursiva há sempre algo do discurso do analista em jogo. Sua subversividade reside no fato de colocar em posição de agente aquilo que, paradoxalmente, é sua própria fratura: o real. Assumir o discurso do analista implica sustentar a impossibilidade estrutural de educar, governar ou fazer-se desejar sem que algo fracasse. O fracasso está de saída! Devemos ficar atentos a nosso discurso, o analítico, porque, se ele estiver operando, não vai ser uma burocracia que será capaz de neutralizá-lo.

A experiência em *Stylus* demonstrou que trabalhar com a equipe de publicação não foi mero trabalho técnico, mas ato coletivo que põe em jogo transferências, resistências, invenções e posicionamentos discursivos. Entre recusas e invenções, entre universidade e Escola, a revista encontrou sua forma em “nuvens”.

Tratou-se, sobretudo, de aquisição de experiência e prática ímpar, profícua: aprender a sustentar a psicanálise em seu estilo próprio, reinventando modos de trabalho e transmissão, e, ao mesmo tempo, extrair do ato editorial um campo formativo para cada uma das envolvidas na equipe.

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1996). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1998). A psicanálise e seu ensino. In Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

Avante, *Stylus*!

Ana Laura Prates

Em 2023, assumi com muita determinação e entusiasmo, pela segunda vez, a tarefa de coordenadora da equipe de publicação da revista *Stylus*, agradecendo à Comissão de Gestão (CG) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) — Katarina Aragão, Leonardo Pimentel e Maria Laura Silvestre — a confiança em mim depositada para uma tarefa que, inicialmente, me pareceu impossível de ser realizada. Não fosse meu apreço e respeito pela revista *Stylus*, de cuja comissão editorial eu já havia sido coordenadora em outra oportunidade e que também acompanhei bem de perto quando fui diretora da EPFCL-Brasil, eu não teria aceitado essa tarefa.

Considero importante dizer o que orientou nosso trabalho. Antes, porém, recorto alguns pequenos trechos de nossa Carta da Internacional dos Fóruns (IF), que dizem respeito a nossos objetivos: “Seu objetivo principal se deduz ao mesmo tempo dessa origem e referência: contribuir para a presença e a manutenção dos desafios do discurso analítico nas conjunturas do século.” Nossa Federação, a EPFCL-Brasil, por sua vez, reafirma em seus estatutos o princípio de iniciativa com solidariedade que orienta o Campo Lacaniano, bem como os objetivos mencionados. Um dos objetivos de nossa Federação é justamente a publicação da revista *Stylus*, fundada no último ano do século XX. A cotização de nossos membros inclui dois números da revista por ano.

No primeiro número de nossa revista, Antonio Quinet nos lembra da etimologia de *Stylus*: “Instrumento pontiagudo de metal, punção que serve para furar ou gravar. É de onde se origina o termo estilo, que nos indica sua característica de risco, furo, corte que marca o estilo do analista cujos escritos esperamos aqui publicar.” Na *Stylus* 2, lemos no editorial, escrito por Andréa Fernandes e Nilda Deiró, que:

Stylus afirma-se como um produto do Espaço Escola, instância da Associação Fóruns do Campo Lacaniano que reflete a crítica assídua do movimento analítico. Esta publicação tem como objetivo centrar o seu debate nas questões relativas à Escola como uma comunidade inédita de trabalho que acolhe e sustenta o ato analítico. Propõe-se, portanto, a trazer a público a produção individual de seus membros dentro de uma perspectiva de elaboração coletiva.

A revista *Stylus* sempre foi o principal veículo de publicação (tornar público) e de circulação da orientação do Campo Lacaniano em nossa língua portuguesa, na cidade dos discursos. Por meio dela, manifestamos, ao longo de 20 anos, nossas pesquisas, nosso trabalho epistêmico, as trocas e os debates em nossos diversos encontros, os laços com os colegas de outros países e línguas, as resenhas de nossos livros etc. E também nossa orientação rumo à Escola e pela Escola, com diversos textos sobre formação, transmissão e passe. Nossa revista vem sendo sustentada pelo trabalho de muitos, e aproveito para agradecer aos coordenadores e participantes das equipes de publicação (cada uma e cada um colocaram algo de si e deixaram sua marca reconhecível na revista). Agradeço também ao Conselho Editorial, aos autores e aos pareceristas ao longo desses anos.

O que me moveu, desde o início — e esse é o aspecto mais importante e crucial que eu gostaria de transmitir a vocês —, foi a certeza de que nossa revista *Stylus* é um dos principais instrumentos de nossa Federação para cumprir os objetivos que constam em nosso Estatuto, fazendo eco à Carta da IF, da qual todas e todos somos signatários: a crítica assídua, o cuidado com nossa orientação e o diálogo com os outros discursos. Para tanto, precisamos circular nossos textos, conferências e livros pelas cidades, universidades e instituições de formação de psicanalistas.

A situação de nossa revista, no início de 2023, realmente era desoladora. Quando assumimos, ela se encontrava com seis números atrasados (40, 41, 42, 43, 44, 45). Além disso, teríamos ainda que publicar mais quatro números, correspondentes aos anos 2023 e 2024, além dos números que cabiam propriamente a essa gestão. A *Stylus* 39 estava praticamente pronta, mas ainda não publicada. Tivemos um trabalho inicial imenso em nossa plataforma, para encontrarmos os textos, entendermos em que etapa do fluxo de edição eles se encontravam e realizar a organização, a fim de realizarmos um diagnóstico da situação da revista e da viabilidade de sua continuidade. Trabalhamos em ritmo acelerado, para que nossa revista não perdesse a indexação, risco iminente e gravíssimo para o cumprimento de nossos objetivos e compromissos. Sem a equipe de publicação que me acompanhou, teria sido impossível realizar essa empreitada. Ingrid Figueiredo, Luis Achilles Furtado, Marcos Barbai, Maria Claudia Formigoni, Marcela Laboissier, Raul Pacheco e Rosane Melo foram de uma competência e compromisso extraordinários.

Uma vez realizado o diagnóstico, fizemos uma pesquisa sobre a quantidade mínima de textos necessária para a publicação de cada número, priorizando a edição rápida e ágil, que não comprometesse ainda mais a indexação de *Stylus*, conquistada por anos de trabalho de diversos colegas que compuseram as equipes ao longo dos anos. Fizemos também um esforço para iniciar a recuperação do trabalho de divulgação de nossa revista pelas redes sociais, mas um trabalho minucioso nessa direção só poderá ser realizado no próximo ano.

Para viabilizarmos a produção da revista *Stylus*, refizemos o contrato com nossa antiga empresa parceira, a 113dc. Faz parte do fluxo editorial:

1. Produção editorial propriamente dita (preparação de originais para revisão, contato com os autores, envio dos resumos para os tradutores e revisores de tradução, organização do fluxo da produção, acompanhamento da plataforma, resolução das dúvidas da revisão com os autores).
2. Copidesque e revisão (copidesque dos textos e dos resumos em português nos arquivos em Word, envio dos arquivos para aprovação dos autores, revisão de textos da primeira e da segunda provas diagramadas, bem como das demais, caso sejam necessárias mais provas, revisão da capa).
3. Editoração (versão para impressão, diagramação dos textos, preparação e edição de imagens, preparação do arquivo para envio para a gráfica, revisão dos bonecos da gráfica e encaminhamento para aprovação do editor, acompanhamento do processo de impressão e entrega).
4. Versão para a plataforma *Stylus* (envio no formato digital para revisão, abertura da edição, divisão dos capítulos do texto para formato digital de publicação, publicação na plataforma, adaptação da capa, criação da versão completa digital para publicação no *site* institucional).

Todos esses processos foram acompanhados cotidianamente por membros de nossa equipe, e, embora a parte técnica e o acompanhamento do fluxo sejam de responsabilidade da 113dc, todo o trabalho epistêmico e de relacionamento com os autores e pareceristas precisa ser realizado por colegas da equipe. É muito importante ressaltar que a responsabilidade editorial, em termos de rigor teórico, clínico, ético e político, é da equipe editorial, já que a *Stylus* veicula a orientação de uma Escola, contemplando a diversidade dos pensamentos e das vozes que a compõem. Quando há divergências significativas entre pareceres, é dever da equipe de publicação tomar decisões que, muitas vezes, podem ser delicadas. Muitas vezes, a equipe também pode e deve solicitar artigos e conferências de colegas cujo trabalho já foi anteriormente avaliado por comissões científicas de encontros e jornadas. Cabe igualmente à equipe avaliar se tal material necessita de adaptações, para que venha a ser publicado.

Lembramos que a plataforma utilizada para o fluxo editorial da revista não pode, de forma alguma, inibir o trabalho epistêmico e de transmissão. Assim, seguimos recebendo textos e pareceres fora da plataforma, e nossa parceira 113dc se encarrega de adaptá-los a ela. Mesmo assim, insistimos que a plataforma é bastante intuitiva e facilita muito o trabalho editorial da revista, além de oferecer gráficos que permitem a visualização esquemática dos processos e a obtenção de dados com agilidade.

Em paralelo a esse trabalho de produção, parte de nossa equipe se dedicou a cuidar de analisar e ampliar os indexadores de nossa revista. Ao contrário do que se possa imaginar à primeira vista, nem a indexação, nem as normas técnicas e tampouco o portal (<http://stylus.emnuvens.com.br/cs/index>) no qual a *Stylus* se encontra há alguns anos são, em si mesmos, concessões a exigências externas à nossa orientação ou entraves editoriais. Muito pelo contrário. O ponto fundamental é que não podemos ficar reféns das técnicas, transformando-as em burocracias. Ao contrário, a técnica, bem como a tecnologia, deve estar a serviço de nossa política.

A indexação de periódicos científicos é fundamental para aumentar a visibilidade, a acessibilidade e o impacto das publicações. Uma revista bem indexada facilita a descoberta de seus artigos por pesquisadores, estudantes e profissionais, potencializando a disseminação do conhecimento e aumentando as chances de citação. Além disso, a presença em bases de dados renomadas é essencial para a credibilidade do periódico, atraindo contribuições de autores renomados e financiamentos institucionais. Assim, jamais fizemos qualquer transigência à nossa ética ou orientação epistêmica e à política da psicanálise em busca de indexação. Não se trata em absoluto de uma adaptação ao discurso universitário. Ao contrário, estamos furando aquele discurso, na medida em que uma revista não acadêmica, publicada por uma escola de psicanálise, consegue ser reconhecida e utilizada por pesquisadores em psicanálise na academia.

A partir da revista *Stylus* 46, passamos a adotar o fluxo contínuo de publicação, agilizando o processo, beneficiando autoras e autores, que enviam seus artigos e os ajustam às sugestões dos pareceristas no prazo estabelecido, e que muitas vezes necessitam dessa publicação para cumprir exigências em suas carreiras acadêmicas. Ao mesmo tempo, o fluxo contínuo beneficia leitores e pesquisadores, que podem ter acesso aos textos, na medida em que vão sendo editados. E, finalmente, tal medida evidencia a vivacidade da publicação e reflete em tempo real a produção intelectual de nossa Escola, facilitando a visibilidade dessa produção, bem como a circulação e o intercâmbio de ideias e pesquisas que certamente contribuem para a formação permanente dos psicanalistas.

Realizamos ainda uma extensa pesquisa com a ajuda de especialistas e chegamos à seguinte situação: a revista *Stylus* já estava indexada em duas bases de dados e diretórios importantes, o que reflete seu compromisso com a disseminação do conhecimento na área da psicanálise: a BVS-Psi Brasil – Biblioteca Virtual de Psicologia (Brasil) e o PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Apresentamos à CG da Federação uma nova política de indexação, com as seguintes já concluídas: ERIHPlus, EuroPUB, EZB (*Electronic Journals Library*) e Google Scholar. Iniciamos o processo de indexação dos artigos, além das revistas, para que eles

possam circular mais na comunidade psi por meio de ferramentas de buscas acadêmicas. Foram incluídos todos os artigos publicados entre os números 1 e 45 nas seguintes bases: IndexPsi, Latindex, LiVre, Miguilim, Redib e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Assim, a revista *Stylus* já alcançou um bom nível de indexação, refletindo sua qualidade e relevância na área da psicanálise. No entanto, é essencial continuar investindo em boas práticas editoriais, ampliar a presença em bases de dados de alto impacto e corrigir as deficiências apontadas para garantir sua aceitação futura. Esses passos fortalecerão ainda mais a posição da revista no cenário científico global. E, finalmente, é preciso também retomar com ênfase a seção relativa às questões de Escola. Encaminhem seus textos apresentados nas Jornadas de Escola e Espaços Escola. Essa seção sempre foi uma das mais importantes de nossa revista e precisa ser reativada com urgência, firmeza e entusiasmo. Esse é o diferencial de nossa revista em comparação com as revistas acadêmicas.

Na medida em que nossa revista voltou a circular pelo meio psicanalítico e acadêmico, o interesse por sua aquisição em exemplares físicos aumentou, mesmo que ela esteja disponível gratuitamente *online*. Houve também manifestações de interesse por assinatura. Infelizmente, não foi possível pensarmos em uma política específica para essa finalidade, mas deixamos indicado que consideramos bastante relevante o fomento da circulação da revista impressa. Indicamos para a próxima gestão a possibilidade de contratação de um profissional que cuide do estoque de revistas, doações para universidades e instituições, bem como estoque e distribuição.

Assim, chegamos ao final de 2024 com nossa revista *Stylus* restituída ao lugar que lhe cabe em nosso campo: atualizada, bem avaliada, com conteúdo e orientação. Algumas palavras sobre o futuro: somos uma comunidade extremamente rigorosa e produtiva, e a revista *Stylus* é um arquivo vivo de nossa história e orientação. É responsabilidade de todas e todos nós, membros da Federação, zelar para que ela volte a circular e se mantenha como um importante meio de transmissão de nossa escolha epistêmica, nossa orientação ética e clínica, e nosso debate com outros discursos. Avante, *Stylus*!

Traço e memória: escrita e transmissão em 25 anos de *Stylus*

Elynes Barros Lima

Quando fui convidada pela atual coordenação de *Stylus* a escrever um texto sobre os 25 anos da revista, percebi que esse convite me conduzia, antes de tudo, a um retorno no tempo. Voltei à experiência que tive na equipe de coordenação tanto de *Stylus* quanto de um dos Cadernos de *Stylus*; à mobilização de várias pessoas, para que as publicações se tornassem possíveis — o trabalho de tradução, de revisão, de leitura compartilhada —, e à minha própria implicação, sustentada pelo desejo de que um maior número de colegas pudesse ter acesso aos textos. Lembro, ainda, da satisfação, ao ver os trabalhos concluídos, produto desse processo realizado em conjunto. Boas lembranças.

Entretanto, essas lembranças não permaneceram apenas no campo do vivido. As publicações permitiram que aqueles textos deixassem de depender da memória daqueles que participaram diretamente, quer de sua elaboração, tradução ou registro (no caso das conferências). O texto tornou-se consultável, revisitado, relido, escrito. O que era lembrança pôde transformar-se em memória — não no sentido de uma conservação fiel do passado, mas como traço disponível a outros tempos e a outros leitores. Dessa forma, podemos dizer que a publicação opera uma passagem decisiva: da experiência situada a uma escrita capaz de atravessar o tempo.

Freud (1925 [1924]/1976, p. 286), em “Nota sobre o bloco mágico”, afirma que faz anotações por escrito porque não confia em sua memória. Ao comparar suas cadernetas com o funcionamento do aparelho psíquico, ele sublinha algo fundamental: a escrita funciona como suporte de um traço que ultrapassa a fragilidade da lembrança consciente. No entanto, Freud logo aponta os limites dessa comparação; para ele, o papel conserva, mas de modo precário, porque pode ser rasgado, perdido, descartado; a lousa ou o quadro-negro, por sua vez, oferece uma superfície reutilizável, mas, por ser reutilizável, faz-se necessário apagar o que nela foi escrito. Em ambos os casos, algo da memória se perde.

O aparelho psíquico, ao contrário, realiza aquilo que esses dispositivos auxiliares não conseguem: dispõe de uma capacidade receptiva praticamente ilimitada e, ao mesmo tempo, conserva traços duráveis — ainda que não inalteráveis — das

percepções. O bloco mágico aparece, então, como um modelo mais adequado, justamente por articular duas funções distintas: uma superfície que se apaga e uma camada na qual o traço permanece inscrito. É dessa articulação entre apagamento e permanência que Freud se serve para pensar a memória inconsciente. A memória, aqui, não se confunde com lembrança nem com arquivo, mas se define como efeito de inscrição.

Não é irrelevante que, ao buscar transmitir essa dinâmica, Freud recorra à escrita e aos mecanismos da linguagem. A memória, longe de ser simples conservação do passado, aparece como algo que se constitui *a posteriori*, sujeita a rearranjos, deslocamentos e novas leituras. O traço permanece, mas nunca idêntico a si mesmo.

Podemos encontrar na literatura também exemplos dos impasses de uma memória pensada como simples acumulação. Em “Funes, o memorioso”, Jorge Luis Borges (2007) descreve um personagem incapaz de esquecer, condenado a reter cada detalhe da experiência. Essa memória absoluta, longe de ser uma virtude, revela-se estéril: nada pode ser pensado, generalizado ou transmitido a partir dela. O excesso de memória paralisa. O arquivo infinito, justamente por não operar nenhum recorte, torna-se inútil.

Esse personagem de Borges nos permite pensar, por contraste, na função das nossas publicações em *Stylus*. Elas não pretenderam nem pretendem guardar tudo, nem registrar todas as conferências, colóquios ou diagonais epistêmicas de nossa Escola. Ao contrário, sua organização e publicação operam por escolha, por recorte e, consequentemente, por perda. Como toda escrita, supõem um gesto que deixa algo de fora para que algo possa permanecer. Nesse sentido, as revistas *Stylus* não constituem um arquivo total, mas um lugar no qual a memória se escreve a partir do que foi selecionado, transformado e inscrito.

Marguerite Duras, por sua vez, insiste em outra dimensão fundamental da escrita: ela não restitui a experiência, mas aquilo que dela resta quando o tempo passou.

Em seu texto “Homenagem a Marguerite Duras, do deslumbramento de Lol V. Stein”, uma frase de Lacan sobre Duras me salta aos olhos: “Mas na caridade, sem grandes esperanças com que a alma parece ser obra da fé que você tem para dar e vender, quando celebra as taciturnas núpcias da vida vazia com o objeto indescritível” (Lacan, 2003, p. 205). Ele escreve esse texto como quem reconhece em Duras uma espécie de “irmã de ofício”: uma escritora que, sem teoria nem psicanálise, toca o ponto que uma psicanálise deve tocar — o real. Duras, diz Lacan, sabe sem ele o que ele ensina. A “caridade sem grandes esperanças” parece, à primeira vista, um modo de falar do desinteresse, de uma generosidade sem finalidade, de certo pessimismo. Porém, essa caridade é a do escritor — e, por extensão, a do analista —, que oferece algo de si ao vazio, sem a esperança de completá-lo. É o ato sem garantias, a fé que se sustenta sem promessa.

Há ainda nesse texto uma palavra que se destaca: celebrar. Lacan não diz que o sujeito sofre o vazio, nem que o suporta resignado — ele diz que o celebra. Celebrar as “taciturnas núpcias da vida vazia com o objeto indescritível” seria afirmar que há, mesmo na falta, uma forma de alegria? Uma alegria silenciosa?

Poderíamos pensar como uma alegria do consentimento, quando o sujeito consente em sua falta, e nesse consentimento torna possível o encontro impossível com o objeto — esse que a linguagem não alcança. Celebrar o encontro faltoso — talvez seja esse o gesto ético e poético que une, pelo que é possível de se inscrever, Lacan e Duras.

Escrever, portanto, não é recordar, mas lidar com o vazio deixado pelo vivido. A escrita surge quando a experiência já não pode mais ser possuída, quando só subsiste um resto — fragmentário, incompleto, muitas vezes enigmático. É esse resto que se inscreve.

Algo dessa ordem também se joga na passagem da palavra falada ao texto publicado. A conferência, o encontro, o colóquio pertencem a um tempo que não se repete. A revista, com suas conferências, não tenta fixar esse instante nem reproduzir a situação original de enunciação. Ela acolhe aquilo que, do encontro, pode ser escrito. Não a totalidade da experiência, mas o traço que dela se desprende e que pode continuar a circular.

Ao longo desses 25 anos, *Stylus* vem cumprindo, assim, uma função discreta e fundamental na vida da Escola: fazer existir uma memória que não se confunde nem com a lembrança individual, nem com o acúmulo arquivístico. Uma memória escrita, atravessada por cortes, traduções e deslocamentos, aberta a novas leituras e a novos efeitos. Cada *Stylus* acrescenta uma camada a essa escrita, sem pretensão de totalidade, mas com o rigor próprio da transmissão.

Celebrar os 25 anos de *Stylus* é, portanto, celebrar essa forma singular de memória: não como conservação do passado, mas como traço vivo de uma transmissão em curso. Uma escrita que permanece justamente porque aceita o apagamento, o recorte e a perda — condições para que algo continue a fazer efeito.

Referências bibliográficas

- Borges, J. L. (2027). Funes, o memorioso. In J. L. Borges. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1976). Nota sobre o bloco mágico. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925 [1924]).
- Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras, do deslumbramento de Lol V. Stein. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

estilo, escrita
e transmissão

Estilos e *Stylus*

Sonia Alberti

Introdução

Por ocasião dessa data comemorativa do primeiro jubileu de nossa revista, por que não retomarmos a particularidade de seu nome na tensão com o estilo?

Inúmeras vezes em seus seminários, Jacques Lacan se refere ao estilo, mas, quanto mais avança em seu ensino, mais rarefeitas vão se tornando essas referências, de modo que no final elas praticamente desaparecem, não sem deixar um resto: dois presentes que Lacan menciona ter recebido de um *stylo*, como se lê em francês, e que ele descreve com todo o cuidado.

Esse fato de ele ter se referido tantas vezes ao estilo em seus seminários levou alguns a certa associação entre os dois termos, o que não é sem justificativa, quando se os leem como dois significantes que, realmente, permitem o equívoco. Mas nossa revista é bem clara: o termo *stylus* deriva do grego, “significa instrumento pontiagudo de metal que serve para furar, gravar ou escrever. Além de fazer referência à escrita, o nome foi escolhido por indicar a característica de furo, corte, que marca o estilo de um analista”.¹

Com efeito, há um importante debate sobre o estilo de um analista, e certamente retomar as referências que Lacan faz ao longo dos muitos anos de seu seminário pode ajudar a verificar de que modo ele próprio se associaria a essa articulação.

A gama de referências

Se tomamos o seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud* (Lacan, 1953-1954/1975), as referências ao termo chegam a 35; a nove, no *Seminário II* (Lacan, 1954-1955/2015); mas o seminário sobre *As psicoses* (Lacan, 1956-1957/2018), com 39 vezes, é o que apresenta o maior número de citações do termo. Até o seminário sobre a *Angústia* (Lacan, 1962-1963/2004), inclusive, a referência aparece 253 vezes; nos dez seminários seguintes, apenas 81; mas, de forma decrescente, que, em *Mais... ainda* (Lacan, 1972-1973/1975), já não há referência ao estilo, fora o fato de que nas últimas aparições o termo tem um uso quase sempre jocoso, quando Lacan menciona as referências que escuta sobre o que julgam ser o “estilo de Lacan”.

É a referência ao estilo de Freud que inicia a lista das 35 aparições. Compreende-se: Lacan está ocupado em enfatizar seu “retorno a Freud”, o que nos lembra a ênfase dada por Foucault (1969), quando pergunta: “O que pode significar o ‘retorno

¹ Sobre a revista. *Stylus: Revista de Psicanálise* (2025). Recuperado em dezembro, 2025, de <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/about>

a...’ como momento decisivo na transformação de um campo de discurso?”. Trata-se, conceitua, de um retorno à “instauração de uma discursividade”, movimento que se impõe justamente quando houve “esquecimento, não esquecimento acidental, não encobrimento por alguma incompreensão, mas esquecimento essencial e constitutivo”, ocorrido, continua em sua conferência, por ter havido “certo vazio que o esquecimento esquivou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou errada plenitude, e o retorno deve redescobrir essa lacuna e essa falta”. É, pois, ao estilo da escrita de Freud que Lacan faz referência, ao fato de ele ter excluído “todo tipo de desvios que se manifestaram” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 16), e ao mesmo tempo o quanto foi imperativo na forma de organizar “em torno dele a transmissão de seu ensino” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 16). Na mesma página, Lacan propõe continuar “no mesmo estilo e no mesmo espírito” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 16), convite que se deve ao fato de, que naquele ano 1954, não seria exagerado chamar o modo com o qual os analistas praticantes “pensam, expressam, concebem sua técnica, [...de] a confusão a mais radical” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 17). Dezenas de páginas depois, insiste no tema, agora em relação à pesquisa que Freud fazia, “uma pesquisa marcada não pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 29), pelo fato de a ênfase maior ser dada a essa coisa que é “a realização da verdade do sujeito, como uma dimensão própria que deve ser destacada em sua originalidade” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 29). Pois “é justamente a essa *direção de pesquisa* que nós tentamos obedecer com sua palavra de ordem, com seu estilo” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 139).

Então, inicialmente, Freud tem um estilo, e Lacan pretende persistir nele, e, se o termo aparece em conexão aos mais diferentes assuntos no curso desse seminário, o uso que faz dele nessa proposta de retorno à instauração de uma discursividade destaca-se dos outros usos, como o que denuncia a fanfarrice em torno da noção de contratransferência: “Annie Reich, que, no entanto, está longe de ter uma atitude crítica diante desse estilo de intervenção” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 42), testemunha que a sessão está sujeita ao “engajamento eventual do ego do analista” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 42). Pois, à medida que avançamos nesse *Seminário I* (Lacan, 1953-1954/1975), já topamos com um contexto em que Lacan, ao também se utilizar do termo, nos dá uma primeira noção de por que, com o passar dos anos, ao se referir a um estilo que lhe seria próprio, o faz não mais sem considerar um quê de ironia.

É quando introduz o esquema ótico, esse esquema que produz uma imagem que se define, na física, como aquilo que se constitui pelo fato de que “todos os raios enviados de um ponto devem recortar-se em alguma parte num ponto único” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 142). Ora, a imagem real que se forma quando, diante do espelho côncavo, a imagem do buquê de flores se incorpora no vaso, quando se

verá a “imagem real do vaso a envolver o buquê e lhe dar estilo e unidade”, ou seja, essa unificação, “reflexo da unidade do corpo” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 142).

Sim, o estilo implica a unidade, a unificação à imagem do próprio corpo, que, décadas depois, Lacan viria a identificar no próprio campo do imaginário que no nó borromeano não é sem o furo, a lacuna à que Foucault também se referia.

Ao longo de todos os seminários, o estilo surge nos mais variados contextos, não apenas quando se refere a autores, artistas, mas também quando trata do estilo na neurose obsessiva, na histeria, na fobia... ou da “estrutura perversa do caráter” (Lacan, 1956-1957/2018, p. 13). Ou, ainda, quando retoma o incidente da alucinação do dedo cortado do caso do Homem dos Lobos, em que Freud pode nos legar o relato de seu paciente, que “contou isso com uma precisão e um estilo calcado no vivido. Parece que todo tipo de referência temporal tenha desaparecido” (Lacan, 1956-1957/2018, p. 22). Ou, ainda, quando comenta os detalhes em Schreber, o estilo em Schreber: “Esse estilo, sua grande força afirmativa, característica do discurso delirante” (Lacan, 1956-1957/2018, p. 113), o “estilo dessa língua fundamental” (Lacan, 1956-1957/2018, p. 124), que de repente fora invadido pela imagem de que seria bom ser uma mulher submetida ao coito, imagem “a menos afeita para entrar no espírito de um homem de sua espécie e de seu estilo” (Lacan, 1956-1957/2018, p. 217).

A lista é longa e atravessa diferentes seminários, permitindo-nos verificar um fator de suma importância em relação ao termo: a inclusão do Outro. Quando Lacan (1966, p. 9) acrescenta à fórmula histórica “O estilo é o próprio homem”, que imortalizou Buffon no século XVIII, o complemento “a quem nos endereçamos”, observa que aquilo que cada um diz só tem sentido no que é escutado pelo endereçado, pois dependerá em grande parte do interlocutor “a forma dada pelo locutor ao que ele diz” (Chemama, 2017, p. 47). Como observa o próprio Lacan logo na sequência, na linguagem “nossa mensagem nos vem do Outro (...) sob uma forma invertida” (Lacan, 1966, p. 9). Eis por que ele complementa Buffon, pois não há homem sem Outro, e é do “eminente interlocutor que ele recebeu sua melhor resposta” (Lacan, 1966, p. 9).

Ora, desde a primeira aparição do termo, Lacan (1953-1954/1975, p. 16) aborda a questão do estilo em associação à questão: “O que fazemos quando fazemos psicanálise?”, que viria a se desdobrar em: “O que é o ato psicanalítico?” (Lacan, 1967-1968/2024, p. 13), pergunta que pudemos trabalhar no VII Encontro Internacional, intitulado “O que responde o psicanalista?”. E, desde *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan (1953-1954/1975) é explícito: o psicanalista responde com a interpretação. O eminente interlocutor a quem ele se referia em 1966 seria, então, o analisante, a quem o analista daria sua melhor resposta, desde que instaurado nessa nova discursividade, como a ela se referiu Foucault? E seria essa a razão de

tantos autores associarem a prática analítica ao estilo do analista? Ou seja, desde que com Freud essa resposta exclua “todo tipo de desvios que se manifestaram”, evitando as mais radicais confusões?

Do style ao stylo

Style é a forma francesa de escrever estilo, e a retomo nesse subtítulo para introduzir a tensão entre ela e o *stylo*, também em francês, pois testemunham tão bem a possibilidade de uma equivocidade que com elas introduzo para tentar avançar nas questões levantadas. Pois *Stylus*, o nome de nossa revista, faz menção mais à segunda do que à primeira, se nos fiamos na já mencionada apresentação intitulada “Sobre a revista” (ver nota de rodapé 1).

O termo *stylo* aparece em dois seminários, no contexto em que Lacan agradece por ter recebido de presente as duas canetas-tinteiro: em *De um Outro ao outro* e em *...ou pior*, pois em ambos os anos ele foi presenteado com uma. É com a primeira aparição que Lacan é o mais efusivo, tomando seu tempo para descrever o objeto recebido. Ele está trabalhando a questão do gozo como excluído: 1) do Outro, como lugar em que isso se sabe; 2) do *a* como efeito de queda que daí resulta; e do 3) sintoma, “nosso real, mas na medida em que o gozo é excluído [dele]” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 327). Nosso real e nossa psicanálise aqui relacionados, por essa ter nascido de “um clarão excepcional pela via de Freud” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 328).

É na sequência dessa observação que Lacan viria a se referir ao “aparelho”: “É um *stylo* [caneta-tinteiro], e, devido à sua finura, é tão próximo quanto possível de uma caneta-tinteiro no sentido antigo, antediluviano” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 328). E ele acrescenta que só muito poucas pessoas ainda o usam; seu reservatório é bem pequeno, difícil de carregar; quando goteja seu conteúdo, não passa do tamanho de sua entrada. Ele é, pois, muito incômodo e, no entanto, Lacan diz ter por ele uma preferência especial. O objeto específico que ganhara de presente “data de uma época em que se tratava realmente de uma pena, uma verdadeira pena, e não de alguma coisa rígida, como o que é feito agora” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 328). Independentemente da relação de Lacan com a pessoa que lhe dera esse presente como vindo do que recolhera de alguma herança, e que carregava, portanto, uma história — não é fácil encontrar esse tipo de objeto na segunda metade do século XX —; independentemente disso, “ele me é muito precioso”. “Minha relação com esse objeto se deve ao fato de ele certamente ser muito próximo do que para mim é o objeto *a*” (Lacan, 1968-1969/2006, pp. 328-329). Talvez por isso Lacan se refira a ele como um aparelho, aparelho que porta uma história, mas uma história... “como imaginar quem a sabe, quem poderia responder dela senão a instituir esse Outro como lugar onde isso se sabe” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 329) e que é o que não se

vê? Com o que Lacan introduz a possibilidade de supormos um saber ao Outro, mas um saber jamais possível de ser visto, na medida em que é da ordem do indizível. Aliás, ele continua: “Há em alguma parte um onde, tudo o que aconteceu, isso se sabe” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 329). São os objetos que sugerem essa história, e: “Lá onde isso se sabe, no sentido neutro em que o introduzimos, é aí que se coloca a questão se isso se sabe a si-mesmo” (Lacan, 1968-1969/2006, p. 329).

O instrumento ao qual Lacan consagra meia página desse seu seminário e que nossa revista reitera com seu nome, que “vem do grego [e] que significa instrumento pontiagudo de metal que serve para furar, gravar ou escrever”,² por ele “fazer referência à escrita, (...) escolhido por indicar a característica de furo, corte que marca o estilo de um analista”,³ no momento em que ela — a revista — também já começa a fazer história em função de estarmos festejando seu jubileu de 25 anos, também é hoje um Outro como lugar no qual isso se sabe, como são os próprios inúmeros textos que podemos ler desde seu primeiro volume.

Alguns dos textos são escritos com estilo, o que, de acordo com o que vimos, implica a relação do autor com o leitor como Outro, mas todos são escritos que, certamente, não se sabem a si mesmos, pois dependem de nós, leitores, para vivificarem, como, aliás, acontece com todo escrito, tornando *Stylus* rasura e gravação de tantos autores que se dispuseram a contribuir por todos esses anos.

Em seu Ato de fundação da Escola de Lacan, em 1964, lemos: “Aqueles que vierem para esta Escola se engajarão no cumprimento de uma tarefa submetida a um controle interno e externo. É assegurado, em troca, que nada será poupado para que tudo aquilo que eles façam de válido tenha a repercussão merecida, e no lugar que convier” (Lacan, 2025a, p. 186). Eis, pois, um lugar privilegiado do trabalho que se fez em nossa Escola, na história de 25 anos em que *Stylus* é publicada, trabalho que, com a revista, submete-se ao controle interno e externo, pois não são poucos os colaboradores de fora da Escola e mesmo do país que se viram instigados a participar. Isso só pode ser o resultado de eles aceitarem homenagear, com seus próprios escritos, o esforço coletivo a que *Stylus* convida: marcar, sulcar, com nossos instrumentos de escrita, os campos da literatura, *lituraterrando* (Lacan, 1970-1971/2007), com o que a psicanálise pode transmitir de uma pesquisa clínica na esteira do que se criou com Freud e se instaurou como discurso com Lacan, a começar por sua criação genuína: justamente o objeto *a*. Eis a outra associação a *Stylus*, o objeto que não se sabe, mas que é esse Outro como lugar, com sua história inscrita nas entrelinhas do trabalho de tecitura feito em cada número da revis-

2 *Stylus: Revista de Psicanálise* (2025). Recuperado em dezembro, 2025, de <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/about>

3 *Stylus: Revista de Psicanálise* (2025). Recuperado em dezembro, 2025, de <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/about>

ta, amarrando os textos do jeito que os editores que se sucederam puderam fazer. Donde a preciosidade da coleção, equivalente à da caneta que Lacan recebeu.

A escrita na forma da letra é marca material do significante, a revelar o real como o sintoma, quando o gozo é dele excluído. Eis o que *Stylus* também é, para alguém do estilo, pois cada palavra material de seus escritos introduz também o impossível a simbolizar, resistência ao sentido e incessante retorno a, repetição do novo que a psicanálise pode criar por implicar um resto inassimilável, uma “litura” pura, que marca a falha estrutural tanto da linguagem quanto da verdade.

Resposta, portanto

Stylus é resposta da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) ao Ato de fundação da Escola de Lacan (Lacan, 2025a, p. 16), por ter criado um espaço para que se possa dar a repercussão merecida a tudo que for feito de válido.

Como coleção de escritos, *Stylus* responde desse lugar de que há um furo no saber e que, graças a ele, pode-se saber sempre mais alguma coisa, em cada marca, sulco, rasura que nela lemos.

Com seus 25 anos, *Stylus* responde com uma história — de tantos esforços, debates, editores, dificuldades e conquistas, todos eles em função do que foi editar a revista. E, tal a caneta de Lacan, *Stylus* é esse objeto que carrega a história, fazendo a borda do real em sua materialidade, como a letra — o que em francês Lacan faz equivocar com a palavra, em *moterialité*.

Frequentemente, associa-se a resposta do psicanalista a um estilo próprio. Vimos como Lacan articulava, inicialmente, o clarão de Freud a seu estilo, que revelou uma lida com a verdade em sua direção de pesquisa, visando “à realização da verdade do sujeito, como uma dimensão própria (...) que deve ser destacada em sua originalidade em relação à própria noção de realidade” (Lacan, 1953-1954/1975, p. 16). Mas vimos também que, quanto mais Lacan avançou em sua própria pesquisa, menos se referia ao estilo, de modo que, no final, permanecia apenas a fórmula irônica de mencionar o que se dizia quanto ao próprio estilo de Lacan. A ironia não é sem questionar a noção de estilo de um psicanalista, quando pudemos associar que só há estilo onde há referência ao Outro, que, portanto, aí parece existir.

Quando o sujeito entra em análise, isso faz existir o sujeito suposto saber, e, se o analista deve poder permitir que isso se instale, certamente sua função se exerce de outro lugar, que tem por visada “colocar em evidência seu impasse e seu logro, assim como a miragem da verdade” (Soler, 2014, p. 11). A resposta do psicanalista, então, é a interpretação, como observado, mas na medida em que essa vise ao real, de modo que

“ela não corrige o que manca, mas mostra o real que atravessa” (Soler, 2014, p. 12). Um universal da interpretação seria, pois, impossível; então, um analista ter um estilo é uma questão, pois cada interpretação “só vale para um, do mesmo modo como o gozo é um” (Soler, 2014, p. 12), e esse um não é o analista, mas o sujeito em análise, de modo que a interpretação visa ao dizer, aquele que o índice levantado aponta — como Lacan (1958/1966, p. 641) pode observar a partir do dedo levantado de São João Batista no quadro de Da Vinci — e que fica esquecido atrás do que se diz (Lacan, 1972/2001). Essa interpretação não se diz... pelo impossível de dizê-la; aponta, equivoca. E é por isso que Lacan (1976-1977) prefere a fórmula de se dizer *poata* como psicanalista, aquele que faz valer o real esquecido, o que implica furar as três consistências das quais, aliás, os estilos dependem. Daí que: “A resposta pelo dizer é uma resposta, seguramente, mas uma não resposta pelos ditos” (Soler, 2014, p. 13). Ao articulá-lo com a ética do bem-dizer, Colette Soler adverte: esse bem-dizer é o resultado da conjugação do bem-dizer do analisante com o do analista, e acrescenta: “Ainda será preciso que o efeito dessa conjugação dos dizeres não se evapore, que ele deixe traços, e, com efeito, é o que se escreve em uma análise” (Soler, 2014, p. 14). Sim, porque o que se escreve em uma análise são justamente as rasuras que marcam a presença do real.

Quando *Stylus* permite entrevistá-lo a partir de um ou outro texto, também responde do lugar de testemunho do que pode uma psicanálise.

Vida longa, pois, à revista, que vem respondendo à sua função em nossa Escola!

Referências bibliográficas

- Chemama, R. (2017). L’homme... auquel on s’adresse. In R. Chemama, C. Lacôte-Destribats, & B. Vandermersch (Orgs.), *Le métier de psychanalyste* (pp. 47-50). Toulouse: Érès.
- Foucault, M. (1969). Qu’est-ce qu’un auteur ?. *Bulletin de la Société française de philosophie*, 63(3): 73-104, jul./set. 1969. (Société française de philosophie, 22 février 1969; débat avec M. de Gandillac, L. Goldmann, J. Lacan, J. d’Ormesson, J. Ullmo, J. Wahl.) Recuperado em 28 de dezembro, 2025, de <http://1libertaire.free.fr/MFoucault349.html>
- Lacan, J. (1966). Ouverture de ce recueil. In J. Lacan. *Écrits* (pp. 9-11). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1966). La direction de la cure et les principes de son pouvoir. In J. Lacan. *Écrits* (pp. 585-646). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire, livre I : les écrits techniques de Freud*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1975). *Le séminaire, livre XX : encore*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1972-1973)

- Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre XXIV : l'insu que sait de l'une-bévue s'aile a mourre*. Inédito. Recuperado em 28 de dezembro, 2025, de <http://staferla.free.fr/S24/S24%20L'INSU....pdf>
- Lacan, J. (2001). L'étourdit. In J. Lacan. *Autres écrits* (pp. 449-495). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2004). *Le séminaire, livre X : l'angoisse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2006). *Le séminaire, livre XVI : d'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2007). *Le séminaire, livre XVIII : d'un discours qui ne serait pas du semblant*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1970-1971)
- Lacan, J. (2015). *Le séminaire, livre II : le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse*. Paris: Points. (Trabalho original publicado em 1954-1955)
- Lacan, J. (2018). *Le séminaire, livre III : les psychoses*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1956-1957)
- Lacan, J. (2024). *Le séminaire, livre XV : l'acte psychanalytique*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1967-1968)
- Lacan, J. (2025a). Ato de fundação – 21 junho de 1964. *Catálogo da IF-EPFCL 2025-2026*. Recuperado em 28 de dezembro, 2025, <https://www.champlacanien.net/public/docu/4/Repertoire2025-2026.pdf>
- Lacan, J. (2025b). Atualização das informações do catálogo (2023-2024). *Catálogo da IF-EPFCL 2025-2026*. Recuperado em 28 de dezembro, 2025, <https://www.champlacanien.net/public/docu/4/Repertoire2025-2026.pdf>
- Soler, C. (2014). L'offre, la demande et... la réponse. In A. C. Brunetto, A. Canedo, C. Marrazzo, M. Mazzucca, M. Menès, M. Rebollo, R. Rojas, & S. Schwartz (Orgs.), *Hétérité: Revue de Psychanalyse IF-EPFCL*, (10): 9-19. Recuperado em 28 de dezembro, 2025, <https://www.champlacanien.net/public/docu/1/heterite10.pdf>

Estragos é o que pode nos acontecer de melhor

Andréa Franco Milagres

Começo a esticar o fio, a descer por ele. A mergulhar sessão após sessão, mais fundo, mais fundo, mais fundo... até onde nada se reconhece, mas onde pouco a pouco já se vislumbra, ressuma, se entreabre, se descortina, a perceber que tudo, afinal, já me era conhecido.

Maria Tereza Horta (2014, p. 68)

Trago estragos e uns restos para adubos orgânicos.

Vanisa Moret Santos¹

O passe permite a alguém que pensa poder ser analista, a alguém que se autoriza por si mesmo ou que está prestes a fazê-lo, comunicar o que o fez decidir-se, e engajar-se num discurso do qual certamente não é fácil ser o suporte.

Jacques Lacan (1973/1977, pp. 117-123)

Este texto é fruto da experiência dos últimos anos, especialmente da experiência analisante que me conduziu ao dispositivo do passe em 2018 e, como consequência, levou-me a pensar sobre o testemunho e a transmissão a partir da função Analista da Escola (AE). A essa experiência crucial acrescento outras, mais recentes, mas também formativas: a passagem por três cartéis intercontinentais, atravessados pelo tema da intensão: um sob a rubrica *Não há intensão sem extensão*; outro sobre *A deformação do psicanalista*; e, por último, o cartel *Testemunho*, concluído há dois meses. E, em andamento, um cartel dedicado aos *Índices do*

¹ Recebi esse poema da colega Vanisa M. Santos, poeta e psicanalista, cuja inspiração lhe veio logo após escutar meu primeiro esboço deste texto na Mesa Preparatória ao XIII Encontro Internacional da Internacional dos Fóruns (IF), realizado em Maceió em 16 de outubro de 2025, compartilhada com Antonio Quinet, Sandra Berta, Lia Silveira e coordenada por Beatriz Oliveira. Na ocasião, uma colega interrogou a noção de *estrago* em contraposição ao *entusiasmo*, sem o qual, no fim de uma análise, não há chance de haver analista. Com seu poema, Vanisa pôde ler precisamente a dimensão que procurei realçar: que do estrago se pode fazer adubo. Desenvolvi uma ideia semelhante em comunicação feita na meia jornada do Colegiado de Animação e Orientação da Escola (CAOE) em setembro de 2023, sob o título "Fazer das tripas coração". Nessa, utilizei uma poesia de Primo Levi, que se refere ao trabalho da mosca, que faz, "das sobras, matérias nobres ou ignóbeis, causa, alimento". No referido texto, argumentei que a mosca, assim como o psicanalista, "transforma os refugos em energia de voo, tanto demanda seu ofício". Recuperado de https://www.champlacanian.net/public/docu/4/FeuillesVolantes_4.pdf

passe, com base nas questões suscitadas em cada um dos cartelizantes pela função Analista Membro da Escola (AME).

Recentemente, esse cartel foi convidado pelo Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP) para debater a conferência de Dominique Marin (École de Psychanalyse des Forums du Champ Lacanien — EPFCL-França) sobre *Experiência e saber no passe a analista — responsabilidade do AME e experiência no Colegiado Internacional da Garantia*. Na ocasião, comentei como foi necessário me separar do testemunho (ou da função AE) para entrar em outro tempo da transmissão. Perguntei-me, então, se poderíamos falar de diferentes tempos da transmissão no passe.

Transmitir ao secretariado do passe

Constato a confluência de dois fatores que me levaram ao desejo de transmissão: a certeza do fim e a urgência que se impôs em transmitir uma experiência cujo atravessamento teve efeito de iluminação instantânea. Era como estar em um quarto escuro no qual uma janela se abre repentinamente, dando a ver em um instante o que nunca fora antes entrevisto: fulguração. Esse vislumbre assumiu caráter de urgência, conduziu à entrada no dispositivo e coincidiu com os últimos encontros com o analista.

Havia a preocupação de que o ano terminasse e as comissões (CLGAL e CIG²) se desfizessem antes que minha demanda chegasse até lá. Não podia perder o trem; então me apressei, sem pensar muito: “mineiro não perde o bonde”, é como se diz na minha terra. E, por fim, acrescento o estado de satisfação e a alegria que sem dúvida vetorizaram o pedido de passe. Tornou-se urgente compartilhar com outros o ponto ao qual havia chegado, porém não se tratava mais de falar ao analista. Quase não há lembrança do que foi dito nessa única entrevista com a Secretaria do Passe: a voz embargada, o corpo ainda quente e comovido, vertiginosamente atravessado pelo fim e pelos cacos cortantes do saber que brilhavam.

A transmissão aos passadores

Nenhuma linha escrita sobre a experiência, nada de rascunho ou ensaio sobre o que dizer, nenhuma troca de impressões. E, no entanto, havia uma clareza imprevista dos pontos nodais que marcaram a experiência. Os tempos da análise pareciam escritos com giz branco em quadro-negro. Presumo hoje que se possam atribuir a urgência da transmissão e, portanto, a urgência do encontro com os passadores ao temor de que as letras se apagassem. Ocorreram dois encontros com cada um dos passadores. Na segunda entrevista, porém, já me parecia ter

2 As duas siglas se referem, respectivamente, à Comissão Local de Garantia da América Latina, que responde pela Secretaria do Passe, e a Comissão Internacional da Garantia, da qual são extraídos os cartéis do passe.

dito tudo que se poderia dizer, e isso foi surpreendente, pois como se pode reduzir a dois encontros uma experiência que durou 19 anos?

Transmissão a uma comunidade de experiência na função AE

Quando há nomeação, deparamo-nos com a tarefa de testemunhar perante uma comunidade de Escola por quais vias uma análise produziu um analista. Trata-se da passagem da dimensão privada de uma análise à dimensão pública da Escola, na qual o passe faz dobradiça entre a intensão e a extensão da psicanálise. Tarefa difícil. Porém, dizia Lacan, nada obriga um analista a isso. “Esse lugar implica que se queira ocupá-lo: só se pode estar nele por tê-lo demandado de fato, senão formalmente” (Lacan, 1967/2003, p. 249). É o tempo de formalizar como se deu esse salto, localizando os sintomas que levaram a demandar uma análise, as identificações que presidiram sua constituição como sujeito, os significantes-mestres ao qual o desejo esteve assujeitado, o gozo auferido pelo sintoma que emperrava a vida, as miragens que foram se desfazendo, enfim, como foi possível dar cabo do amor de transferência que sustentou toda a engrenagem, ou seja, como ocorreu a separação do analista, mas também do Outro. E, não menos importante: como ao final, após se haver experimentado objeto, pôde advir-lhe esse desejo aberrante que permitiu passar de psicanalisante a psicanalista. Se os tempos da análise pareciam claros e ordenados por acontecimentos que determinaram giros, sejam tais acontecimentos as contingências da vida, alguns sonhos, uma lembrança ou uma interpretação do analista, o momento exato em que se deu a passagem a analista permanece não totalmente iluminado. Se o simbólico falha para dizer dessa passagem, esse impossível de transmitir passa em ato. É espantoso, porque esse dizer que passa nem aquele que o proferiu tem seu verdadeiro alcance. É um dizer que o ultrapassa.

Ao fundar sua Escola, Lacan abole a lista dos didatas. Três anos depois, delimita duas modalidades de garantia, oferecidas aos que se engajam em sua Escola: AE e AME. Os AMEs são aqueles que fazem valer sua especialidade diante do corpo social (Lacan, 1969/1970, pp. 49-51). Quanto aos AEs, Lacan propõe selecioná-los de modo radicalmente distinto de como eram escolhidos os didatas nas sociedades psicanalíticas, cujo funcionamento se baseava nas leis habituais do grupo, em que o mestre comanda e a concorrência impera. Com o passe, ele instaura outra modalidade de seleção, “um recrutamento verdadeiro” (Lacan, 1973/1977, pp. 117-123), modelado pelo discurso analítico. Esperava que aquele que se oferecesse para ingressar no dispositivo pudesse lançar alguma luz sobre os motivos que o haviam levado a aceitar esse risco louco de tornar-se para outros esse objeto *a*, lugar que seu analista ocupou para ele como suporte da transferência e que, no final, encontrou a queda do Sujeito Suposto Saber como condição primeira, mas não a

única, para a emergência do ato analítico e, portanto, de um desejo que chamou inédito. Lacan (1973/2003, p. 313) se refere a esse desejo inédito para diferenciá-lo do desejo de ser psicanalista, situado na ordem da demanda e presente no início do tratamento, especialmente quando iniciamos os estudos em psicanálise e mesmo no decorrer de uma análise. Esse desejo que pode emergir no final de uma análise é inédito porque não estava lá antes. É infrutífero procurar seu rastro nos becos escuros da subjetividade. Esse desejo, nós não o escavamos para extraí-lo dos amontoados da memória. Ele nunca esteve lá onde se podia imaginá-lo ou onde se esperava encontrá-lo. O desejo do analista emerge lá onde não se pensa: “é unicamente no ato psicanalítico que é preciso situar o que articulo sobre o desejo do psicanalista, que nada tem a ver com o desejo de ser psicanalista” (Lacan, 1970/2003, p. 276).

Entretanto, a doxa sobre o tornar-se analista nos afeta, pois os significantes circulam e não deixam de ter efeitos sobre cada um que se banha na língua da Escola, a tal ponto que aí é possível se engajar, mas também se enganar ou se precipitar no afã de chegar lá sem demora, como se a nomeação autorizasse o exercício da função analista. Lacan apostava em outra coisa: que aquele que já se autorizara analista recorresse ao dispositivo para transmitir qual operação lhe permitiu fazer essa passagem. Portanto, não é a Escola que autoriza; ela nomeia aquele que experimentou uma modificação em sua relação com o gozo e com a verdade que perseguia, fez algo com as migalhas de saber que encontrou, tornando-se, assim, um pouco menos tapado da relação sexual. Isso traz alívio e leveza — efeito terapêutico —, e, para alguns, pode gerar um efeito tal que o mobilize a ocupar para outros o lugar em que seu analista esteve um dia.

A questão de Lacan ao propor o passe incide seguramente na hierarquia institucional vigente nas sociedades de psicanálise, pois ele faculta a um desconhecido o acesso ao dispositivo. Mas, ao instaurá-lo, queria, sobretudo, encontrar um modo de cernir o instante em que se dá a passagem de psicanalisante a psicanalista, para que isso não permanecesse envolto no manto da obscuridade. E por que, depois de haver experimentado em sua análise esse instante sobre o qual o interessado nada ou pouco sabe, pode ainda querer transmiti-lo a outros? O que o impele? Notamos que, para alguns, muito tempo transcorre até que se tome a decisão de entrar no dispositivo. Para outros, é absolutamente urgente transmitir como se deu esse salto. Urgente ou não, como passar essas migalhas de saber conquistadas e que mudam completamente a posição de alguém na vida?

Lacan deposita sua confiança na transmissão. Porém, conclui que a psicanálise é intransmissível, sendo bem desagradável que cada psicanalista seja forçado a reinventá-la a cada vez a partir do que retirou do fato de ter sido psicanalisante. É pela via da transmissão que a psicanálise pode perdurar (Lacan, 1978, pp. 175-

-176). Refere-se ao passe como um relâmpago, no qual a opacidade do gozo que reteve o analisante em seu sintoma de repente ganha uma luz diferente (Lacan, 1973/1977, pp. 117-123). Mas o relâmpago não ilumina tudo. Ainda assim, alguns passantes nunca poderão esquecer o que foi a experiência do passe para eles. Chamou minha atenção um termo que Lacan usa para referir-se aos que se apresentaram a ele. Eu o cito: “(...) em nenhum deles o passe deixou de ter efeito. Esses efeitos são talvez *estragos* — afinal, por que não? Todos sabem que tal como somos feitos, nós da espécie humana, estragos é o que pode nos acontecer de melhor” (Lacan, 1973/1977, pp. 117-123, grifo nosso).

Ele prossegue dizendo que está ali com o estrago nas costas, passando o tempo fazendo passar o passe. Podemos pensar nesse estrago como aquilo que faz a diferença entre a ética da psicanálise e as outras? Retomo um pequeno artigo de Colette Soler, “O intratável”, no qual ela diz que o terapeuta é aquele que não sabe, ou não quer saber, que o segredo do sintoma se chama castração e pulsão. Uma psicanálise levada até seu fim, ao desfazer as identificações samaritanas, faz ceder o desejo de responder como Outro e demarca o fim do terapeuta. Se a demanda e a imaginação neurótica instituem o Outro dando-lhe consistência, aquele que atravessou essa imaginação descobre que a causa não é o Outro. Ele poderá, então, manter-se frio e mesmo intratável diante das sugestões da demanda que lhe oferece o assento do Outro. Esse intratável não se situa no nível da técnica, mas no da política, quer dizer, das finalidades de uma psicanálise. Por isso a importância do passe para a psicanálise, na medida em que procura recolher o que um sujeito pode dizer do resultado de sua análise para aqueles que fazem disso seu ofício. Curar-se do terapeuta e passar ao desejo do analista não é fácil, acrescenta Soler. Quando isso se deixa apreender, faz-se mais por hiato, conversão, do que por uma transição harmoniosa.³

Se as psicoterapias, assegurando-se na continuidade do significante-mestre, trabalham para restituir ou consolar a falta da qual o falante vem se queixar, no final de uma análise o que se obtém é um resto, estrago, marca que não se resolve, mas que faz parte da verdade do sujeito. Estrago não é simplesmente destruição, mas traço irredutível, perda que não se reabsorve. Esse “talvez” na frase “esses efeitos são talvez estragos” não decreta um resultado universal da análise, mas aponta que o final da análise porta um aspecto paradoxal. Trata-se não do que se pode ganhar, mas do que resta. A expressão “esses efeitos são talvez estragos” indica a dimensão do não-todo do final de análise, da qual não se sai inteiro,

3 Soler, 1994, pp. 22-24. Texto extraído de *La Cause Freudienne Psychanalyse et Psychoterapie — Revue de Psychanalyse*, 1992. Trata-se de exposição realizada na Jornada de Primavera da École de la Cause Freudienne, que ocorreu nos dias 16 e 17 de maio de 1992, em Rennes. Texto traduzido por Celso Rennó Lima e Sérgio Laia para *Curinga* nº 2.

mas com a experiência do que não se fecha, e isso se pode dizer em termos de “estragos”. Esse estrago não é simplesmente negativo, é o índice da experiência de um encontro com o real. O passe não serve para mostrar que o analisante saiu melhorado; verifica como ele se virou com o resto de gozo que faz estrago. Esse “talvez” aponta para um efeito que não é universal, pois cada um arranja um modo singular de fazer com o estrago, o que permite des-idealizar o final de análise. Isso é crucial, pois marca a diferença entre a ética da psicanálise e qualquer tipo de terapia do bem-estar. A psicanálise vai além das psicoterapias, porque acrescenta ao efeito terapêutico um ganho de saber. Ganho epistêmico, que alivia não do inconsciente, mas do peso do Outro, no qual reside o tormento neurótico. O que o passe pode transmitir é essa marca de real que não se apaga. O título AE é efêmero; porém, a marca deixada por essa experiência é indelével: “pedir para se fazer portador dessa marca AE e consentir com isso é consentir certamente como todo analista, entrar no jogo do discurso analítico no lugar de agente, de *semblant* de objeto *a*, mas é também comprometer-se a responder por isto na Escola e para além da Escola” (Samson, 2010, p. 24). A nomeação, diz Françoise Samson, efetua um corte por retroação no ato iniciado pelo passante. Um corte tem consequências, implica uma transformação estrutural. Por isso, ela diz, esse momento da nomeação é tão mobilizante. Essa passagem a objeto lhe parece irreversível, impede o retorno ao estado de coisas anterior ao corte, impede a mordida freudiana de cicatrizar. Essa passagem instaura um gatilho diabólico, e esse pequeno gatilho é um mecanismo antidesgaste, pois obriga aquele que aí se instalou a sempre inventar diante daquilo que se apresenta na vida (Samson, 2010, p. 25). Proponho, então, tomar esses estragos como o que sobra depois dessa desmontagem, e é aí que cada qual pode encontrar sua maneira própria de autorizar-se, de transmitir os efeitos do real em jogo. Segundo Pastora Rivera (2025), esta é a dificuldade que a transmissão propõe: abandonar a suposição de que o Outro sabe, já que a transmissão é produzida a partir da posição analisante. Caindo a crença no Outro do saber, só resta ao sujeito assumir o saber (Silva, 2024). Isso não se obtém em todos os casos, “mas é suficiente que isso se dê para alguns, e que se saiba isso, para que seja visado por muitos” (Soler, 1994, p. 24). Nisso reside o valor do testemunho quando ele tem efeito de transmissão. É preciso correr o risco e lançar sua pedrinha na água, para que a psicanálise continue provocando ondas.

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2026.

Referências bibliográficas

- Horta, M. T. (2014). *Azul cobalto* (1a ed.). Rio de Janeiro: Oficina Raquel.
- Lacan, J. (1970). Mensagem do júri de acolhimento à assembleia antes do seu voto. *Scilicet*, (2-3), 49-51. (Texto original publicado em 1969) [In Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão. (1995). *Documentos para uma Escola II — Lacan e o passe*, XIV(0), 47-50. Documento para circulação interna].
- Lacan, J. (1977, dezembro). Sobre a experiência do passe. (A respeito da experiência do passe e sua transmissão). *Ornicar?*, (12-13), 117-123. (Texto original publicado em 1973) [In Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão. (1995). *Documentos para uma Escola II — Lacan e o passe*, XIV(0), 55, 57, 59. Documento para circulação interna].
- Lacan, J. (1978). Conclusões do congresso sobre a transmissão. *Petits Écrits et Conférences*, 175-176. [In Letra Freudiana: Escola, Psicanálise e Transmissão. (1995). *Documentos para uma Escola II — Lacan e o passe*, XIV(0), 65-67. Documento para circulação interna].
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1970)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1973)
- Samson, F. (2010). Analista da Escola (A.E.): o *a posteriori*. In Escola Letra Freudiana. *Documentos para uma Escola V: o passe em andamento*, XXIX(0).
- Silva, P. R. (2024). *Transmissão e vínculo social na psicanálise. O cartel como um dispositivo de transmissão*. Inédito.
- Soler, C. (1994). O intratável. *Curinga*, (2), 22-24.

A transmissão da e na Escola de Lacan

Glaucia Nagem de Souza

A Escola de Lacan é uma proposta que ele fez quando foi excomungado da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) no ano 1964. Miller (1987, p. 112) conclui sobre o movimento da IPA com relação a Lacan que “somente uma coisa estava em jogo: Lacan, seu ensino, sua prática, inclusive sua pessoa; ele precisava ser afastado, desacreditado, fazê-lo calar”. A excomunhão não foi uma ação impensada; ela começou a ser construída no momento em que Lacan saiu da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) e constituiu com aqueles que o acompanharam a Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP). Na cisão, a questão do que se considerava o ensino na SPP também estava incluída na discordância com a direção de Nacht.¹ No ano da formação da SFP, foi constituída uma comissão para investigar as ações de Lacan.

Em 1961, foram instituídas as “Recomendações de Edimburgo” (Miller, 1987, p. 120), nas quais, além da definição do tempo das sessões, de no mínimo 45 minutos, da frequência das sessões da análise didática e de várias regras para a formação de novos analistas, algumas recomendações se dirigiam diretamente a Lacan e Dolto:

a) que os doutores Dolto e Lacan se distanciem progressivamente do programa de formação e que não se lhes enviem novos casos de análise didática ou de supervisão; b) que toda modificação na situação dos candidatos dos doutores Dolto e Lacan, atualmente em análise e supervisão, se discuta com o Comitê Consultivo antes de qualquer iniciativa ao respeito. (Miller, 1987, pp. 122-123)

O afastamento de Dolto e Lacan tocava tanto na prática clínica deles quanto nas atividades de formação. O processo investigativo visava a isolar e neutralizar o ensino e a clínica de Dolto e Lacan, até que, finalmente, em 19 de maio de 1963,

¹ Segundo Roudinesco (Roudinesco & Plon, 1998, p. 529): “Sacha Nacht pertencia à segunda geração dos psicanalistas franceses, como Lacan, Lagache e Dolto (...) adversário declarado da análise leiga e líder da corrente médica, desejando, como muitos psicanalistas americanos da IPA, reservar apenas para os médicos a prática do tratamento.” De acordo com Miller (1987), desde a cisão de 1953, Nacht e Lacan discordavam frontalmente quanto à direção do ensino da IPA.

é apresentado o “Informe Turquet”, no qual esse relator destacava todos os pontos que justificavam a retirada definitiva de Lacan das atividades de formação. Ele poderia continuar seus seminários sem que eles aparecessem no programa do ensino da SFP, a Comissão de Estudos deveria vetar a participação de seus alunos em seu seminário e ele seria excluído definitivamente de sua função de didata. Concluindo esse documento: “Que trabalhe em paz e a sua maneira como simples membro da Sociedade” (Miller, 1987, p. 142).

É nesse momento que Lacan, em 1964, funda sua Escola, colocando as bases daquilo que para ele seria importante na formação de um psicanalista. Ele escreve, então, na primeira versão de sua “Proposição”, que:

Partimos que a raiz da experiência do campo da psicanálise, colocado em sua extensão, única base possível para motivar uma Escola, deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica, bem entendido, tomada como intensão: única razão justa a se formular da necessidade de uma psicanálise introdutória para operar nesse campo. No que, portanto, de fato nos harmonizamos com a condição, aceita em toda parte, da chamada psicanálise didática. (Lacan, 1967/2003, p. 572)

Uma passagem que nos orienta quanto ao lugar da Escola em um laço moebiano entre a extensão e a intensão (Torres, 2016). Mas o que seriam “extensão” e “intensão”? Pela lógica, extensão refere-se ao conjunto de todos os objetos aos quais um termo ou conceito se aplica, ou seja, seu alcance ou aplicabilidade, em contraste com a intensão, que é o conteúdo definidor do conceito. A extensão como a única base possível para motivar uma Escola é, então, o que dos conceitos psicanalíticos podemos criar e transmitir. Mas essa criação e transmissão se orientam e se sustentam na intensão, ou seja, no interior da prática clínica. A direção para fora da Escola é, assim, regulada pela prática psicanalítica cotidiana dos consultórios. Esse é o pontapé inicial da Escola proposta por Lacan e o que ele define como a articulação necessária para a análise didática na formação dos analistas.

Acompanhando a crise que se passou nos anos anteriores à sua saída da IPA, podemos notar que a questão estava em afastar Lacan dos analistas em formação, tanto daqueles que se analisavam com ele quanto dos que acompanhavam seu seminário. Ao apresentar na fundação de sua Escola que o que seria ensinado, ou seja, a “extensão” tinha suas bases na prática clínica, na “intensão”, Lacan constrói uma resposta importante às tantas críticas feitas a ele no período de investigação e no relatório que propunha que ele parasse de formar novos analistas. A partir desse momento, toda análise pode ser considerada didática, o que amplia a responsabilidade e ao mesmo tempo a descentraliza de um grupo fechado.

Lacan também institui que o fim do tratamento não se dá pela identificação ao analista, mas por um traço singular, que ele nomeia estilo. Isso é mais um passo de descentralização, já que o que está em jogo no fim do tratamento não é reproduzir o analista que o escutava, mas criar uma marca própria do sujeito. Para isso, ele propõe um dispositivo que nomeia “passe”, no qual cada um que se propõe participar do dispositivo se apresenta a esse para testemunhar de sua experiência.

No campo das artes, temos algo que pode nos dar ideia do que vem a ser o estilo. Quando reconhecemos o autor de uma obra visual, literária ou musical sem ver o nome escrito, mas por ver, ler ou escutar algo que é próprio àquele autor, podemos dizer que reconhecemos o estilo daquele artista, algo de singular dele que fica depositado em sua obra. No caso da formação com base na proposta lacaniana, temos uma Escola na qual cada um que passar por uma análise não sairá dela identificado a seu analista, mas marcado por aquilo que é de sua singularidade. Qual é a possibilidade de fazer laço entre os psicanalistas de uma Escola como essa?

A proposta é de que a contagem dos analistas não se faça por um conjunto de “todos”, mas por “esparços disparatados”. Uma Escola constituída na conjunção daqueles que não se juntam como massa, mas como conjunto de uns em suas singularidades e estilos. Um desafio a mais no impossível de governar apresentado por Freud, pois manejar em um conjunto no qual não há homogeneidade, e, sim, a sustentação das diferenças, é muito mais difícil do que estabelecer o controle sobre uma massa. Aqui, temos os ecos extraídos da *Psicologia das massas* (Freud, 1921/1981), posto que esse modo de se agrupar proposto por Lacan não prevê qualquer “bigodinho” para que a identificação se cole e estabeleça a massa.

Nossa Escola, Internacional dos Fóruns – Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (IF-EPFCL), é herdeira dos princípios de Lacan para uma Escola de psicanálise. Ela se funda propondo a contraexperiência ao UM, ou seja, à resistência a um “bigodinho” que determine a ação de todos. Acompanhando o percurso de Lacan para criação de sua primeira Escola, como pensar hoje a extensão e a intensão, eixos principais para constituir a Escola em 1964? Estamos em outro momento histórico; logo, como pensar a sutileza desse tempo diante do fazer Escola?

Albert Ngûyen abre seu texto “A irrupção do político: resposta da psicanálise e o laço social” afirmando que

Lacan colocou a questão do lugar da psicanálise no âmbito político desde 1968. Acredito, por isso, que, no atual momento, seu discurso não seria mais o mesmo. Em 2008, a crise econômica não atingiu apenas a Europa, mas também a América do Sul. Uma crise econômica e financeira sempre se faz acompanhar de diferentes respostas sociais que devem ser levadas em consideração: crescimento dos nacionalismos e fundamentalismos, terrorismo e

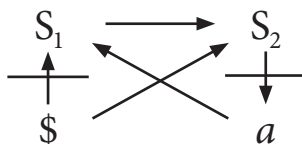
fluxo imigratório, crescimento da precariedade e das segregações, racismo e antisemitismo aos quais se acrescenta ainda o uso de drogas, sem contar as práticas sexuais desenfreadas e o impacto das redes sociais. (Ngũyen, 2016)

Podemos acrescentar à série de Ngũyen o que aconteceria quatro anos depois de seu texto, com a pandemia e todas as suas consequências devastadoras no campo tanto da saúde quanto socioeconômico. Os modos de laço não estão estabelecidos como em 1968, como apontou Ngũyen. Isso refletiria no modo como os pacientes chegam a nossos consultórios? Talvez na procura crescente por atendimentos *online*, mesmo morando na mesma cidade do analista, ou, no caso da formação dos analistas, cada vez mais oferta e procura por aulas *online* e uma aprendizagem rápida.

Podemos nos perguntar como manter as análises que conduzimos e os laços dos psicanalistas a partir de todos esses acontecimentos e suas consequências. Sabemos que muitos se levantam contra a psicanálise, acusando-a de ser responsável por muitos males. Outros querem outra psicanálise, para se responsabilizar pelos males do mundo. Mas qual psicanálise? Seria preciso mudar a psicanálise? Mas, afinal, não podemos pensar que o cerne da psicanálise é aquele desde Freud: o inconsciente? O inconsciente impredicável e atemporal. Ele é constituído no choque com o outro, semelhante e ignorante do que o sujeito realmente quer, em sua relação direta com efeitos do Outro da linguagem. Isso nos abre uma possibilidade de ainda pensar que esse ainda é o ouro do trabalho da psicanálise hoje.

Em nossa atualidade, podemos recolher que um efeito do capitalismo está na “destruição do laço social” (Ngũyen, 2016). A Escola não está em uma redoma protegida dos efeitos de nossa época. Podemos notar como o capitalismo se infiltra em todos os lugares, até mesmo naqueles que se propõem fazer resistência a ele. Mesmo nos movimentos sociais, temos a apropriação de suas conquistas estampadas nos vários *gadgets* produzidos com base em suas ideias. Com a psicanálise não é diferente. Cursos e mais cursos para formar novos e mais psicanalistas, a psicanálise ofertada como mudança de carreira e a facilitação do ensino deixando rasa a transmissão. Transforma-se a psicanálise em um produto super-processado, para facilitar o consumo.

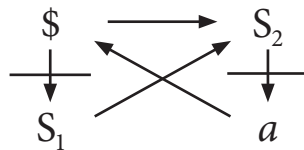
Discurso do mestre



Pela teoria dos discursos de Lacan, em todos os discursos há um impedimento de se alcançar o objeto e de se chegar à verdade. No discurso do mestre, podemos ler o próprio funcionamento do inconsciente, em que um sujeito, em lugar da verdade, dirige-se a um S1 que só diz dele quando se dirige a um S2. Nessa operação, temos a produção do objeto *a* como mais-de-gozar, demonstrando, assim, com base nesse discurso, como a estrutura do inconsciente opera. A verdade se dirige ao agente (S1) e ao significante que tende à significação (S2), mas à verdade nenhum dos elementos se dirige, afinal ela é sempre meio dita.

O que Lacan propõe é o discurso capitalista como aquele que não conta com a impossibilidade de se dirigir à verdade e de se fazer proporção sexual, negando também a castração. A ideia, nesse discurso, é de que se deslize livremente entre os elementos, dando a ilusão de que se pode ter acesso rápido à verdade e ao objeto.

Discurso do capitalista



Sobre ele, Lacan diz ser um discurso

(...) loucamente astucioso, mas destinado a explodir (...) é insustentável (...) uma pequenininha inversão simplesmente entre o S1 e o \$... que é o sujeito ... basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome, se consome [*consomme*] tão bem que se consuma [*consume*]. (Lacan, 1972/2015)

Como podemos acompanhar, há esse “andar sobre rodinhas”, que pode ser lido nesse tempo em que se vive com base na urgência. A espera da resposta de uma mensagem passa a ser insuportável; a rapidez impera. Temos reflexos da infiltração do discurso do capitalismo na Escola? Será que, na medida em que cada vez mais o tempo privilegiado é a pressa, o acúmulo de tarefas e atividades seria um dos fatores de uma possível infiltração? O bom trabalhador é aquele que trabalha muito, sem descanso, empreendedor de si. A pressa e a produtividade estão na base desse sistema. Qual é o tempo para se formar, para fazer uma análise, para transmitir, para estudar?

O que temos no discurso do capitalismo não é a produção a partir de um percurso, como proposto no trabalho do cartel, mas, muitas vezes, o acúmulo de

atividades que respondem rapidamente ao consumo. O cartel como dispositivo de base para a Escola tem sido cooptado por lugares que cobram para que se faça cartel. Isso não pode ser considerado uma absorção pelo mercado de um dispositivo criado por Lacan para sustentar o ensino e a transmissão? Afinal, é um dispositivo proposto originalmente para durar um tempo e se dissolver, sem qualquer custo monetário. Ou os cursos de psicanálise que se multiplicam pelas redes sociais, prometendo a formação de psicanalistas, o ensino da psicanálise, que muitas vezes cai no ensino raso, sem o rigor necessário para acompanhar o ensino das bases da psicanálise.

Essas reflexões nos colocam diante de questões importantes, como a de se pensar o laço sem massificar e apagar o estilo de cada um. Ou mesmo como sustentar, em face dessa urgência, uma possibilidade de espera e trabalho a partir da elaboração. Nunca a expressão “menos é mais” foi tão bem-vinda.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1981). *Psicología de las masas*. In S. Freud. *Obras completas* (T. III). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1921)
- Lacan, J. (2003). Primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2015, 25 de março). Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972 — parte 2 (S. R. Felgueiras, Trad.). *Trilhar Caminhos em Psicanálise*. (Trabalho original publicado em 1972). Recuperado em 24 de janeiro, 2026, de <https://trilhardotorg.wordpress.com/2015/03/25/conferencia-de-lacan-em-milao-em-12-de-maio-de-1972-parte-2-traducao-de-sandra-regina-felgueiras/>
- Miller, J.-A. (1987). *Excision, exomunion, disolucioni — tres momentos en la vida de Jacques Lacan*. Buenos Aires: Ediciones Manancial.
- Ngũyen, A. (2016). A irrupção do político: resposta da psicanálise e o laço social. *Trivium: Estudos Interdisciplinares*, VIII(2), 208-215. Recuperado em 24 de janeiro, 2026, de <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2016v2p.208>
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Torres, R. (2016, novembro). Problemas cruciais para a formação do analista na atualidade: o sujeito suposto saber em questão. *Stylus: Revista de Psicanálise*, (33).

Garantia e responsabilidade no conceito de Escola e na transmissão da psicanálise

Christian Ingo Lenz Dunker

Na “Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*”, Lacan apresenta a imagem do tonel das Danaides para figurar o sentido que escapa indefinidamente pelo furo, enquanto as Danaides tentam enchê-lo (Lacan, 1975/1998, p. 550). O inconsciente, como as Danaides, trabalha sem pensar, sem calcular, sem tampouco julgar (Lacan, 1975/1998, p. 533). Cabe ao analista reabrir o buraco do tonel (Lacan, 1975/1998, p. 554), ainda que o real seja transmissível pela escapada, a que corresponde todo discurso (Lacan, 1975/1998, p. 556), ou pelo *diz-ser* (e não *da sein*), que nivela todos os conceitos, nos tonéis, alguns mais fúteis do que outros (Lacan, 1975/1998, p. 551).

Lembremos que, segundo Ovídio, as Danaides eram em número de 50 irmãs, filhas de Danos, irmão de Egíptio. Tendo esse último decidido que elas deveriam casar-se com seus 50 filhos, elas aceitam seu desígnio, mas, na noite de núpcias, assassinam seus noivos e jogam suas cabeças no lago de Lerna. De lá emergirá a Hidra de Lerna, com suas sete cabeças. Cada uma delas, depois de cortada, origina novas sete cabeças. Mas uma das Danaides, chamada Hipermnestra, tendo sido bem tratada por seu noivo, decide poupá-lo. Temos, então, 50 menos uma Danaides condenadas a encher o tonel furado. Portanto, não-todas Danaides estão envolvidas na reposição de gozo, só as que obedecem ao pai.

Ora, onde podemos situar o sintoma nessa parábola lacaniana? Não é no furo, que é estrutural, nem no tonel tórico do *parlêtre* (falasser); não é no gozo que escorre como sentido pelo buraco, nem no trabalho das Danaides. O sintoma tem isso tudo por condição, mas não se define por nenhuma dessas condições, mas pelo fato de que as Danaides são muitas, mas aparentemente não se comunicam entre si. Seu trabalho é inútil, pois seu saber não se articula com o das outras. Estando cada qual ocupada em fechar seu próprio buraco, visto de cima, como incompletude do tonel, não podem escutar, uma das outras, que há um segundo furo, pelo qual a água escapa continuamente:

Não existe um senso comum da histérica, e aquilo com o que neles ou nelas joga a identificação é a estrutura, e não o sentido, como se lê perfeitamente

pelo fato de que ela incide sobre o desejo, isto é, sobre a falta tomada como objeto, e não sobre a causa da falta. (Lacan, 1975/1998, p. 553)

A identificação incide entre elas ou eles, em torno do desejo estrutural de cobrir o grande buraco da boca do tonel, a falta tomada como objeto, a tampa sonhada e ausente. Mas a causa da falta não é que o tonel tenha sido feito sem uma tampa, mas que ele tenha um segundo furo, pelo qual a água escapa. Cada uma sabe disso, mas não sabe junto com a outra. Isso acontece porque cada uma tenta colocar sua própria rolha no furo deixado pelo tanoeiro. Essa rolha é o sintoma. Composta por sua habitual cortiça em formato de *cross cap*, articulando sujeito e objeto *a*, a rolha é um acontecimento de corpo, seja ele torneado ou tonelado.

Mas, por quais meios o sintoma, como formação do inconsciente, relaciona-se com o discurso coletivo e alienado, aqui exemplificado pelo trabalho das Danaides? A resposta pode estar nesse tipo bem específico e histórico de saber tanoeiro, conhecido como metafísica ou ideologia, do qual tanto ciência quanto psicanálise se fazem críticas.

Quanto a meu “amigo” Heidegger [que ele tenha a bondade de deter-se], eu dizia, na ideia de que a metafísica nunca foi nada e não poderia prolongar-se a não ser ao se ocupar de tapar o furo da política. Essa é sua base. Que a política possa atingir o auge da inutilidade é realmente no que se afirma o bom senso, aquele que faz a lei: não é preciso enfatizá-lo ao me dirigir ao público alemão, que tradicionalmente lhe acrescentou o dito sentido da crítica. (Lacan, 1975/1998, p. 552)

Entendo que a noção de garantia é uma das mais difíceis de precisar em torno do conceito de Escola, justamente porque remete ao buraco da política. Lembremos que a noção de garantia aparece logo no primeiro parágrafo do texto, na primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”: “Trata-se de fundamentar, num estatuto duradouro o bastante para ser submetido à experiência, *as garantias* mediante as quais nossa Escola poderá autorizar um psicanalista por sua formação e, em decorrência disso, *responder* por ela” (Lacan, 1967c/1978, p. 570).

Primeiro, há o fundamento temporal da Escola. Ela dura o bastante, ela não é feita para se perpetuar indefinidamente. Disso decorre que a dissolução pode ser um conceito imanente à Escola, aplicável a seus dispositivos e funções. A segunda tese impõe que a garantia recaia sobre a formação oferecida pela Escola. É a partir dela que o analista se autoriza de si mesmo. A terceira afirmação implica o psicanalista em sua formação. Levanto aqui como hipótese de que responder à formação recebida

é transmiti-la, ou seja, passá-la adiante. *Garantia* da formação oferecida pela Escola, *responsabilidade* do analista em relação à sua formação e *implicação* nessa formação são três conceitos imbricados. A garantia não é infinita, porque a Escola não é infinita. A responsabilidade não é coercitiva, porque não há lei que a controle. Mas é pela transmissão que a formação se realiza como implicação. Depois de remeter essa primeira formulação ao “Ato de fundação” e seu “Preâmbulo” e de assegurar que essa nova proposição não fere a “autonomia da iniciativa do psicanalista”, ele volta a empregar a ideia de garantia: “A Escola pode ser testemunha de que o psicanalista, nessa iniciativa, traz uma *garantia* suficiente de formação” (Lacan, 1967c/1978, p. 570).

Agora, a Escola não autoriza mais apenas o psicanalista *por sua* formação, mas testemunha que o analista traz uma “*garantia* suficiente de formação”. Ora, o reparo é justo e adquire sentido contextual. Vários analistas se engajaram na Escola de Lacan já tendo um longo percurso formativo; outros, no entanto, fizeram sua formação, desde o início, na Escola Francesa de Psicanálise. Ocorre que ela havia sido dissolvida; portanto, é preciso reconhecer seus antigos membros, mas aparentemente em outro estatuto. Aos primeiros aplica-se *autorizar* sua formação; aos segundos, *testemunhar* a suficiência de sua formação.¹ Em ambos, *garantia* se aplica ao conceito de formação, ainda que essa formação possa realizar-se inteira ou parcialmente na Escola. No parágrafo subsequente, temos uma terceira dimensão da garantia, que se aplica a duas noções frequentemente esquecidas: “[A Escola] Pode também constituir o meio da experiência e de crítica que estabeleça ou sustente as condições das *melhores garantias*” (Lacan, 1967c/1978, p. 571).

Surgem dois novos predicados da Escola de Lacan (1975/1998, p. 557, 1967d/2203, p. 575): *experiência*,² no sentido que se dá a um experimento mental ou institucional, e *crítica*. Ambos concorrem para estabelecer e sustentar as “*melhores garantias*”. Se há as melhores garantias, logo existem também as piores garantias, mas em que elas diferem? O texto declina apenas uma: “a questão teórica de situar a psicanálise em relação à ciência”, e afirma que o “núcleo de urgência desta responsabilidade” (Lacan, 1967d/2003, p. 577) requer imediata adesão ao *Anuário* (Lacan, 1967d/2003, p. 576).

Consultando o “Preâmbulo” e o *Anuário*, confirmamos estes três níveis de en-dereçamento da garantia: prova,³ autorização e testemunho. A noção de prova

1 Como diz Sidi Askofaré, uma espécie de embaixador da Escola na cidade, a figura respeitável do psicanalista. Aqui, sua responsabilidade deve ser tripla: como sujeito, como psicanalista (praticante) e para com a Escola.

2 “uma comunidade de experiência cujo cerne é dado pela experiência dos praticantes”.

3 “O psicanalista, mesmo considerado como entravado por um desejo desigual à prova do psicanalisante, seria distinguido pelos juízes instruídos sobre o estilo de sua prática e o horizonte que ele sabe reconhecer ali, por ali demonstrar seus limites: é o que eu chamo de AME” (Lacan, 1967d/2003, p. 589).

aplica-se à formação, mas não ao autor (Lacan, 1967a, p. 588). Admite-se que para “dar testemunho de sua formação a Escola pode acolher não membros” (Lacan, 1967a, p. 588). Por exemplo, a aprovação do livro de Michèle Montrelay, “obtido de uma formação totalmente diversa” (Lacan, 1967d/2003, p. 576), parece responder ao caso da formação mista e da referência à ciência. A admissão da existência de “colaboradores estrangeiros”⁴ confirma o caráter externalista da Escola de Lacan. Estamos, aqui, diante de um quarto destinatário, não mais o praticante formado na Escola, nem o que tem sua formação diversa reconhecida, nem o estrangeiro colaborador, mas aquele que é um não membro ou não praticante. Chegamos, assim, à fórmula cabal: “Garantia de formação suficiente é do AME — o Analista Membro de Escola. Aos AEs, ditos Analistas de Escola, caberia dever da *institucionalização interna* que submete uma crítica permanente à autorização dos melhores” (Lacan, 1967a, p. 571).

Logo, há uma formação analítica suficiente ou insuficiente. Observe-se que a garantia de formação dispensada pela Escola é responsabilidade do AME. Isso não significa que a formação que ele dispensa seja garantida, mas que a formação que ele tem está garantida pela Escola. A novidade, aqui, é a expressão “institucionalização interna”, aplicada aos AEs. Por contraste, infere-se que a garantia de formação suficiente dos AMEs refere-se ao dever de *institucionalização externa*, âmbito ao qual também se transfere a ideia de crítica e de autorização.

Comparando a primeira versão com a segunda da “Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola”, vemos que a garantia também aparece no primeiro parágrafo, mas de modo mais sintético: “Vamos tratar de estruturas asseguradas na psicanálise e de *garantir* sua efetivação no psicanalista” (Lacan, 1967b, p. 148).

Agora, não estamos mais diante da duração temporal, mas da efetivação da estrutura no psicanalista. Nesse caso, garantia, formação e autorização efetivam a estrutura no AME. Interpõe-se, aqui, uma nova distinção, apenas presumida na primeira versão: hierarquia e *gradus*. A noção de hierarquia aglutina diversas expressões gradientes, que insistem no texto: as *melhores* garantias, autorização dos *melhores*, formação *suficiente*, formação *insuficiente*.

Desta fundação, pode-se levantar primeiramente a questão da sua relação ao ensino que não deixa sem garantia a decisão de seu ato. Colocar-se-á que, *tão qualificados quanto sejam aqueles que tiverem a possibilidade de aí discutir este ensino*, a Escola nem depende dele, nem a dispensa, já que ele tem prosseguimento fora. (Lacan, 1964/2003, p. 248)

4 “que deverão se manter o que resulta de que ‘fora de nossa Escola, existem apenas associações de analistas’” (Lacan, 1967a, p. 588).

Parece indiscutível que Lacan está respondendo àqueles cuja incerteza quanto à garantia de suas formações poderia levá-los a escolher as duras diretrizes impostas pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA) para a continuidade dessas formações.⁵ Lacan precisa, portanto, oferecer garantia aos que pretendem afrontar tão diretamente as recomendações da IPA, e essa garantia simplesmente não pode ser dada apenas em seu nome e no de Dolto. Dessa maneira, está ao mesmo tempo dizendo: *sim, há hierarquia, e se ela é composta pelos melhores, há vários deles na Escola; e não, nem tudo é hierarquia, qualificação e autoridade constituída*, pois há ainda autoridade constituinte do furo do tonel político das Danaides.

A ideia de *gradus*, por outro lado, presume uma lógica alternativa de reconhecimento. Ela não está baseada em predicados, mas em seu caráter coletivo de produção. AEs se candidatam como passantes, AMEs indicam passadores, o cartel do passe decide a nomeação, todos testemunham e autorizam o passe e o tornam parte de suas formações. Há ainda uma terceira lógica, representada por “o psicanalista só se autoriza por si mesmo”. Lacan pressente a tensão entre essas formas de reconhecimento, ao empregar a expressão “isso não impede”, para amortizar a autorização entre por si mesmo, pela Escola e como AME-AE. Ora, entre AME e AE, a diferença começa a se sobrepor, cada vez mais, com a função de passagem privada dos AEs, que contam sua história de análise, e com a função pública dos AMEs, que indicam passadores.

Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação. Ele pode fazê-lo por sua própria iniciativa. O analista pode querer esta *garantia*, o que, por conseguinte, só faz ir mais além: tornar-se responsável pelo progresso da Escola, tornar-se psicanalista de sua própria experiência. (Lacan, 1967d/2003, p. 576)

Por isso, o AME é definido por sua “comprovação de capacidade”, e não por sua “formação suficiente”. O que antes parecia prerrogativa do AE, a crítica e a psicanálise da Escola, passa agora para o AME. Por outro lado, ele deve ser admitido com base em um “projeto de trabalho” (Lacan, 1967d/2003, p. 576) e vai se tornar “responsável pelo progresso da Escola”. A função de testemunho, dos problemas cruciais, dos pontos nodais e das questões sempre em vias de resolução, deslocam-se inversamente para os AEs. Os AMEs são reconhecidos pela Escola. Os AEs são reconhecidos a partir de demanda própria. Os analistas praticantes são autor-

⁵ “Lacan permanecerá, para sempre, inaceitável como didata. Convém preparar garantias para sua exclusão permanente. Toda tentativa de estatuto especial será desencorajada e provocará prejulgamento desfavorável. Lacan como didata é uma ameaça, é preciso salvar seus candidatos e prever um plano de transferência destes para outros didatas” (Lacan, 1977, pp. 42-44).

reconhecidos. “Que a Escola possa garantir a relação do analista com a formação que ela dispensa, portanto está estabelecido. Pode fazê-lo, portanto, deve fazê-lo” (Lacan, 1967d/2003, p. 577).

Retenhamos, então, como a função do AME aparece em conjunção com a noção de responsabilidade:

1. Na primeira versão, AME é a “garantia suficiente de formação”, da qual decorrem ou se implicam, ainda que de modo não exclusivo, as funções genéricas de Escola: garantia, autorização, testemunho, crítica e experiência. O AME responde pela garantia que a Escola oferece sobre formação, ou seja, se ele responde, é também *responsável*. Lembremos que, quando o psicanalista dirige a cura, ele não está como sujeito, mas, quando ele indica um de seus analisantes, em fim de análise, para ser passador, ele age como sujeito. Essa mudança de lugar torna o AME uma balança entre público e privado, um ponto de torção entre intensão e extensão, um ponto de transferência entre Escola e sociedade.
2. A primeira versão fala em “melhores garantias”, sem especificar se elas são de formação, de experiência ou de crítica, mas elenca, textualmente, a relação da psicanálise com a ciência.⁶ Ora, na medida em que se inferiu que o AME é registro de crítica externalista da Escola, ele é também suposto *responsável* por essa e deve inscrever-se no *Anuário*.
3. Na segunda versão, o AME aparece como *responsável* pelo progresso da Escola.

Mas o que significa ser responsável pelo progresso da Escola? Que ela tenha mais alunos? Que ela se destaque como centro de excelência em pesquisa e ciência? Que ela dispense uma formação *sem igual* (já que as outras são apenas associações de analistas)? Ou que ela mantenha aberto o furo da política?

Referências bibliográficas

Lacan, J. (1967a). Preâmbulo (à guisa de pedido de desculpas à Escola pelo atraso do número 2/3 da revista *Scilicet*). In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

6 Poder-se-ia indicar ainda: “O analista só se autoriza de si mesmo, isso é óbvio. Pouco lhe importa uma garantia que minha Escola lhe dê, provavelmente sob a irônica sigla AME. Não é com isso que ele opera” (Lacan, 1973/2003, p. 311).

- Lacan, J. (1967b). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1977). A excomunhão. *Ornicar ?*, (supl. 8), 42-44.
- Lacan, J. (1978). Primeira versão da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967c)
- Lacan, J. (1998). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação (Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École). In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2003). Anexos da primeira versão da Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967d)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.; A. Harari & M. A. Vieira, Versão Final) (pp. 311-315). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)

A escrita da clínica psicanalítica: da novela familiar ao nó singular¹

Dominique Touchon Fingermann

“Da novela familiar ao nó singular” anuncia um percurso no qual se desenha uma travessia, uma passagem: “da...ao”. Pretendo, portanto, desdobrar o que ocorre em um percurso analítico: qual experiência opera esse acontecimento de redução da novela ao nó, que produz no fim um achado, a invenção — onde tinha o familiar, encontrar o singular.

A escrita e a psicanálise: questões preliminares *Psicanálise e literatura*

Precisamos, antes de tudo, esclarecer alguns mal-entendidos a respeito da possível relação entre psicanálise e escrita literária.

No texto “Os escritores criativos”, Freud (1975) anuncia enfaticamente que os escritores são precursores da psicanálise e anteciparam a descoberta do inconsciente: “Os escritores são nossos preciosos aliados, e temos que prestigiar os seus testemunhos, pois eles conhecem, em geral, um monte de coisas entre o céu e a terra das quais nossa sabedoria escolar ainda não tem a mínima ideia” (Freud, 1907/1986, p. 141).

No entanto, precisamos desconfiar da crença de que, por causa de sua prática de interpretação do texto da neurose desde as formações do inconsciente, a psicanálise teria qualificação e autoridade para analisar os textos dos escritores criativos “como se fossem simples manifestações do inconsciente”.

Embora preocupado com os abusos de uma “psicanálise aplicada” selvagem, Freud não conseguiu evitar essa tentação, e seus seguidores, menos ainda.

Lacan retificou a tendência, pois não é o texto escrito que deve ser psicanalisado, mas, pelo contrário, são os psicanalistas que deveriam saber ler melhor. Insistindo com o alerta freudiano, ele afirma a precedência do artista em relação ao psicanalista, como podemos ler em sua “Homenagem feita a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”:

(...) a única vantagem que um psicanalista tem que tirar da sua posição
(...) é a de lembrar, com Freud, que em sua maneira o artista sempre o

¹ Conferência realizada durante o I Seminário Internacional de Crítica Genética Textual e Psicanálise, realizado pelo Departamento de Literatura da Universidade de Brasília (UnB), em 2010. Na releitura, optei por deixar o estilo de enunciação própria a uma conferência que se dirigia a um público de estudantes de literatura.

precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista já lhe desbrava o caminho. (Lacan, 2003b, p. 191)

Tanto Freud quanto Lacan declararam admiração e reverência, pois os artistas testemunham a possibilidade de fazer, com os mesmos ingredientes — inconsciente, libido, pulsões, fantasia, sintoma —, algo que produz uma satisfação compartilhada no laço social, em vez de alimentar um sintoma mais ou menos inconveniente, fomentando uma mesmice ensimesmada, para não dizer autista.

Marguerite Duras, diz Lacan, sabe melhor do que eu o que eu ensino, e Joyce não teria ganhado nada em fazer psicanálise, “indo direto ao melhor do que se pode esperar de uma psicanálise em seu término” (Lacan, 2003c, p. 15).

A fala e a escrita

Anunciar uma “escrita da psicanálise” para nomear uma prática que, por definição, só tem um meio, a fala do analisante e o silêncio do psicanalista, parece paradoxal. Seu princípio consiste na “regra fundamental” da associação livre: “uma única regra”, diz Freud, “dizer tudo”. “O analisando deve comunicar tudo o que lhe passa pela cabeça, acusando as objeções lógicas ou afetivas que querem incitá-lo a fazer uma seleção” (Freud, 1973).

Essa regra fundamental é paradoxal, porque já se sabe de antemão que ela é impraticável: ao tentar dizer tudo, constata-se que o que se diz parece voltar sempre ao mesmo lugar. De fato, a fala parece estar amarrada a um ponto cego e parece sempre repisar no mesmo. O que se desdobra de saída na experiência de fala de uma psicanálise é um texto/textura que constrange o ser falante em seu enredamento. Os ditos parecem dar voltas e voltas em torno de um dizer impossível de alcançar; essa insistência acaba por inscrever algo como uma mensagem única, inapreensível pelos enunciados, mas acolhida pela interpretação do analista.

É por essa via que a futilidade de uma fala desvanecente, descompromissada com a moral, a razão e o bom senso, pode ter efeitos duráveis, inscritíveis, registrados: efeitos de escrita. É assim que uma prática da tagarelice passa a ter eficácia sobre o sintoma, inscrito no corpo, real, fora de alcance da compreensão imaginária e simbólica.

Ao extrair da tagarelice a insistência de Um dizer, o Bem-dizer² da análise acaba por inscrever algo que nomeia o *parlêtre*: uma letra que enoda e distingue o ser falante.

2 O Bem-dizer de uma análise depende da articulação da fala de associação livre com a interpretação do inconsciente que sustenta o analista.

A redução do texto da neurose até seu princípio mínimo, seu nó primordial, que Lacan chama letra,³ pode ter consequência em relação ao tratamento, da “insustentável leveza do ser”.

É assim que uma operação, cujo único meio é determinado pela função da fala e pelo campo da linguagem, pode ter incidência sobre o real da coisa, aquilo que do ser falante não se subjetiva, mas que sustenta a textura do sujeito tramado entre fios e furos.

Da escrita do caso à “práxis da teoria”

Outra questão preliminar, para a abordagem da relação da psicanálise com a escrita, é o compromisso do analista com a transmissão da psicanálise, prova/provação de sua responsabilidade ética. A questão é simples: como testemunhar, dar provas, desse trabalho tenso e extenso com o texto da neurose e sua redução?

Como se apreende e se transmite essa experiência que poderia ser mais confortável de deixar no mistério e no silenciamento sob o pretexto do segredo profissional que condiciona a experiência?

Lacan, em um de seus textos fundamentais, explicita a ética do psicanalista como sendo “a práxis da teoria” (Lacan, 2003, p. 238). Não é possível um psicanalista se orientar eticamente em seu ato senão se apoiar no exercício permanente da práxis da teoria, ou seja, comunicar *a posteriori* as razões daquilo que ele faz “quando ele faz análise”, ou seja, do ato específico do psicanalista que pode descontinuar o texto da neurose.

Será que essa prática consiste em contar os casos? Com certeza, não; isso não seria nem moral (segredo profissional), nem ético (não serviria de orientação para o ato do psicanalista). A práxis da teoria não consiste em relatar os casos, mas em testemunhar sua operação.

No entanto, sabemos o quanto Freud se aplicou em tentar transmitir os casos de sua clínica, e como isso até hoje está servindo de paradigma clínico para os psicanalistas: o caso Dora, o Homem dos Ratos, o Homem dos Lobos, o pequeno Hans, o caso Schreber continuam servindo de argumentos para nossa posta à prova da psicanálise.

Nosso compromisso hoje, com a práxis da teoria, não passa pelo relato do caso, mas pela explicitação e demonstração dos operadores da clínica que seguimos sustentando na esteira de Freud e Lacan, orientados, porém, pela atualidade da responsabilidade de invenção da psicanálise, que depende de nossa resposta “de analista”.

Embora a clínica psicanalítica se apresente na experiência como o “real enquanto impossível de suportar” (Lacan, 1977a, p. 7) (pelo simbólico e pelo imaginário); em-

3 Em francês “*lettre*”, letra, equivoca com “*l'être*”, o ser.

bora, por conta desse Real, ela esteja fundada no intransmissível que a transferência desloca, isso não é motivo para os psicanalistas não se aterem e se atreverem a dar testemunho de sua operação. Essa foi a aposta de Freud na escrita incansável de sua obra e, particularmente, em seus famosos casos clínicos. Essa foi, também, a proposta de Lacan nos diversos tempos de seu ensino, em que nós acompanhamos o progresso da transmissão da experiência incontável em esquemas e modelos matemáticos dando conta da redução lógica do falatório da clínica a uma escrita cada vez mais precisa. Lacan enuncia essa proposta ética na abertura da “Section clinique”, da Universidade de Vincennes, quando anuncia essa seção clínica como: “uma forma de interrogar o psicanalista, de pressioná-lo a declarar suas razões”, e especifica: “A clínica psicanalítica deve consistir não somente em interrogar a análise, mas em interrogar os analistas, a fim de que eles prestem conta daquilo que sua prática tem de arriscada (...)” (Lacan, 1977a, pp. 9-10).⁴

Portanto, nada de desculpas: é preciso “declarar as razões”, provar (dar provas) que o discurso analítico é clínico e lógico, isto é, que é um discurso **consequente**, “já que o paciente se submete, de uma maneira artificialmente definida, a um discurso apenas para que ele tenha consequências (...)” (Lacan, 2006, p. 32).⁵ A clínica psicanalítica, para se sustentar como clínica consequente, necessita testemunhar e fazer valer suas consequências, apesar do paradoxo inerente a essa tarefa de transmissão, já que o próprio da clínica analítica é seu acolhimento do impensável, do inimaginável, do incompreensível. No entanto, esse impensável, inimaginável, incompreensível do Real deixa rastros, e o próprio do discurso analítico, como tratamento do Real, consiste, justamente, em transferir e transformar esses rastros em escrita, na qual se pode ler e fazer valer a singularidade do sujeito.

A operação da psicanálise como experiência de escrita: o caso do Riobaldo

O Discurso Analítico tem consequência: de escrita. A lógica do discurso analítico declina suas consequências segundo as quatro categorias lógicas de Aristóteles, reinterpretadas por Lacan (1975, p. 19) em termos de escrita: o necessário (o que não cessa de se inscrever, isto é, o sintoma), o possível (o que cessa de se inscrever: “o efeito terapêutico”; Soler, 2008), o impossível (o que não cessa de não se inscrever: o Real) e, por fim, o contingente (o que cessa de não se inscrever: a escrita, o *sinthoma*).

4 No original: “une façon d’interroger le psychanalyste, de le presser de déclarer ses raisons”; “La clinique psychanalytique doit consister non seulement à interroger l’analyse, mais à interroger les analystes, afin qu’ils rendent compte de ce que leur pratique a de hasardeux (...)”.

5 No original: “puisque le patient ne se soumet d’une façon artificiellement définie à un certain discours réglé que pour qu’il y ait des conséquences (...)”.

A escrita, na clínica, é a consequência do que o ato analítico possibilitou como inscrição, como leitura e como escrita.

Escrever a clínica não é descrever nem escrever a neurose — não é contar seus cantos, suas contas e outros encantamentos. Escrever a clínica não é a escrita do caso, é escrever a operação própria do ato analítico: a transformação do caso em escrita; a passagem do necessário “que não cessa de se inscrever” à contingência do que “cessa de não se escrever”.

A operação da psicanálise — ou seja, a transferência do analisante e seu manejo pelo ato do analista — tem como consequência, no fim, a equivocação do sentido e a interrupção (“in-sucesso”) de sua infinitização pelo ato que lança a redução do novelo pela escrita do nó: “RSI”.⁶

No fim, escreve-se, fixa-se o que, para cada um, funcionou como letra, ou seja, como litoral entre o real, o simbólico e o imaginário, marca e marco da incorporação da lei do Outro, da castração e de seu resto real. Podemos entender por que Lacan fala de uma passagem da ficção à fixação.⁷

Essa operação de redução (da ficção à fixação) produz-se no decorrer e em consequência de uma travessia que o discurso analítico propicia. Essa operação (no sentido de manobra e no sentido cirúrgico e matemático) orienta tanto sua finalidade quanto seu fim. Essa travessia do sentido fantasmático é o próprio do discurso analítico, “(...) pois essa prática não somente tem um sentido, mas faz surgir um tipo de sentido que esclarece os outros sentidos, a ponto de recolocá-los em causa, quero dizer, de suspendê-los (...)” (Lacan, s.d.a, p. 197).⁸

Nada melhor que o exemplo de Riobaldo, herói e narrador de *Grande sertão: veredas*, que, por fim de sua travessia, extrai a cifra das peripécias de suas voltas em torno do sentido “diabólico” do desejo, sua ficção, “Nonada” (Rosa, 2001, p. 538): fixação. “Diabo, não há”, conclui o narrador no fim de sua “*histoeiria*”⁹ (Lacan, 1976/2003d, p. 571); “*Nonada*”, pontua. “Nonada”, a cifra escrita desde a primeira palavra da narrativa (Lacan, 2003a, p. 1), que necessitou da decifração para se destacar como **S1**, que, no fim, não faz mais sentido. Um significante sem Outro, um signo, um sinthoma: “sinthoma é uma forma antiga de escrever o que tinha sido posteriormente escrito sintoma” (Lacan, 2005, p. 11).¹⁰

Escrever sobre a clínica é poder dar conta dessa redução lógica do “bla-bla-blá” à sua causa, redução da novela familiar a seu nó original singular e ponto de origem.

6 As letras RSI já configuram a redução lógica do sintagma Real Simbólico Imaginário.

7 O termo fixação (“*fixion*”, em francês) foi um neologismo criado por Lacan com base nas palavras ficção (“*fiction*”) e fixar (“*fixer*”), para designar a invenção, uma fixação outra do real, além das ficções da novela familiar.

8 No original: “(...) *car cette pratique non seulement a un sens mais fait surgir un type de sens qui éclaire les autres sens au point de les remettre en cause, je veux dire de les suspendre*”.

9 O termo *histoeiria* é um jogo de palavras entre histeria (do grego *hysteros*) e história.

10 No original: “*sinthome est une façon ancienne d’écrire ce qui a été ultérieurement écrit symptôme*”.

Da novela familiar ao nó singular

A novela familiar

A novela familiar é o que a neurose escreve, é um romance, mito individual do neurótico: é sua maneira própria de “juntar as partes” (syn-tomos), o que “dá razão” a seu sintoma e a seu destino fantasmático.

O dispositivo analítico, organizado em torno da regra fundamental da associação livre, está disposto de forma a acolher essa escrita da neurose, para que, desse romance, o ato analítico, como corte no novelo, destaque a escrita do “sujeito”, ou melhor, destaque sua letra.

Sabemos o quanto a chamada “associação livre” (a tagarelice que o discurso do analista suporta) manifesta pouca liberdade e como os ditos e suas voltas permanecem enredados e, muitas vezes, constrictos, constrangidos pela lenga-lenga da novela familiar — anteparo contra a estranheza do *Unheimlich* e a alteridade do Outro, que não responde.

Até seus últimos seminários, Lacan, então bem equipado com sua formalização borromeana da clínica, espantava-se com a insistência monotemática das ladainhas neuróticas: “eles só falam disso; voltam sempre na posição papai-mamãe de seu romance!” (Lacan, s.d.b, pp. 114-115).

A associação livre, ao contrário do ato analítico, constitui uma amplificação; ela se faz porta-voz e mesmo alto-falante da novela familiar, incluindo o analista nesse novelo, que pode se transformar em um verdadeiro “*sac de nœuds*” (saco de nós, isto é, bagunça inextricável), se o discurso do analista não operar.

Secções clínicas

São os recortes, as “secções” clínicas que orientam a travessia da novela até seu fim. Constatemos como a psicanálise, como clínica, precisou se orientar, desde sempre, nesse “balaio de gatos”, a partir da formatação de seu método clínico específico e de seus recortes conceituais.

Com efeito, a clínica psicanalítica precisou se orientar, desde seu início, a partir de seus recortes conceituais: Édipo, fantasia, Nome-do-Pai, metáfora paterna, nó borromeano, sinthoma.

A formalização da teoria psicanalítica opera uma primeira redução da parafer-nália dos fenômenos, e, inclusive, a psicanálise, como clínica singular em descontinuidade com outros tipos de psicoterapias, nasceu dessa redução dos fenômenos pela estrutura, quando Freud passa da teoria do trauma à teoria da fantasia.

Seu método clínico, seu dispositivo, faz apreender todo esse material produzido pela fala, como “formação do inconsciente” e como enredamento pulsional, transformando o texto linear da fala no enredo pautado da textura do sujeito (“resposta” do Real) a partir dos recortes da interpretação e do ato do analista:

(...) como se poderia apreender toda essa atividade psíquica senão como um sonho: quando escutamos mil e uma vezes no curso de um dia essa cadeia imprecisa de destino e de inércia, de lance de dados e de estupor, de falso sucesso e de encontros desconhecidos, que fazem o texto corrente de uma vida humana (...). (Lacan, 1991, p. 80)¹¹

Pois é o ato do analista que, ao longo da narrativa, recorta e descola o sentido em relação à letra; esvazia-se o sentido para evidenciar essa letra que fixa a estrutura do humano em torno de seu furo original. Entre o sentido e o real, um litoral: marca e marco, que Lacan escreve *sinthome* — o “pecado original”: *sin*,¹² o homem é filho de sua falha original, que lhe dá origem (Lacan, 1977b).

Com efeito, a tagarelice, vetorizada pelo “sujeito suposto saber”, topa, logicamente, com o silêncio, o equívoco do discurso do analista, com sua intrusão na novela, seu corte, que, fundamentalmente, presentificam, atualizam e evidenciam, insistentemente, a causa desse falatório — a causa que o “bla-bla-blá” cinge e que o desejo do analista destaca.

Enrolação — volteios, as voltas dos ditos em torno do impossível dizer

Se a finalidade e o fim da análise dependem da redução e do atravessamento da novela que os neuróticos se forjam, para que tantas voltas? Para que serve seu acolhimento condescendente na análise? Esses volteios da narrativa são “enrolação” ou condição da reviravolta? (Isto é, por fim, a suspensão do sentido e de sua infinitização, até sua redução pela escrita do nó “RSI”).

Sabemos que é na narrativa da novela familiar que se recorta e se constrói a fantasia — condição preliminar de seu atravessamento futuro.

A fantasia é fixação, enodamento da “enrolação” (enrolamento) do corpo pelo significante (o “mal-entendido” traumático original). Fixação, essa, que, a partir daí, rege a novela familiar. Os rolos de família, da novela, partem desse primeiro nó, do mal-entendido que marcou o corpo para sempre — e de sua interpretação fantasmática, urdidura fundamental do texto da neurose, e de sua ficção.

Essa narrativa, que possibilita o recorte da fantasia, não se apresenta de forma linear: é uma colcha de retalhos, feita de trechos significantes S1-S2, dos quais se destacam algumas cenas e cenários, “produzindo” o sentido da neurose.

Cada lembrança, cada episódio da novela representa uma volta a mais, um enlçamento a mais na trança RSI, que o sujeito tece nos laços de família: cada cena dá

11 No original: “(...) comment pourrait-on appréhender toute cette activité psychique autrement que comme un rêve: quand on entend mille et une fois au cours de la journée cette chaîne bâtarde de destin et d’inertie, de coup de dé et de stupeur, de faux succès et de rencontres méconnues qui font le texte courant d’une vie humaine (...)”.

12 Lacan recorta o “*sin*” de *sinthome* a partir do inglês: *sin* = pecado.

um sentido, um contorno ao sem-sentido do mal-entendido herdado pela via do significativo — cada cena dá um contorno simbólico ao evento real e a seus efeitos imaginários. Sabemos que uma volta a mais no RSI é trabalhosa: são necessários seis entrecruzamentos por cima, por baixo dos três, para que o nó se sustente como nó, para que as três consistências enodadas “nomeiem” o evento do sujeito, seu advento.

Cada cena contada funciona como lembrança encobridora, que o ato analítico, produzindo um corte onde a neurose produzia um sentido, des-cobre, como se revestisse o impacto com o Real, com o pacto simbólico e a solução imaginária, que o sujeito inventou para sua sobrevivência à angústia e ao desamparo.

Les éphémères (“Os efêmeros”), peça de Ariane Mnouchkine (diretora do Théâtre du Soleil¹³), apresentou, de maneira extraordinária, essas pequenas cenas efêmeras de cada instante da vida, tecendo e trançando o humano como o enlaçamento borromeano constante das três dimensões. Cada cena efêmera — isolando um enlaçamento RSI — se apresentava em um pequeno palco circular giratório, que permitia uma mudança constante do ponto de perspectiva da cena que passava, girando lentamente.

Milhares de instantes efêmeros, de detalhes alinhavados uns com os outros, denunciando seu aspecto tanto necessário quanto impossível e contingente. A maior parte desses traços simplesmente passava, esquecida; outros traços enredavam-se e, às vezes, ricocheteavam, anos ou gerações mais tarde, mostrando como, no princípio de cada cena, um enlaçamento minimalista RSI amarrava a presença singular de um sujeito, desde onde ele poderia escolher (ou não) sua história.

Flagramos, na clínica psicanalítica, pela clínica psicanalítica, esses efêmeros como instantes de circunscrição da estrutura — “circum-escrever”. São instantes da inscrição, que trançam e tramam o destino dos sujeitos.

A novela familiar, desdobrada pela associação livre, permite o recorte desses instantes de inscrição, que trançam e tramam o destino dos sujeitos, dessas cenas encobridoras da estrutura, ou seja, do mal-entendido (da patologia da linguagem).

Pouco a pouco, à medida dos cortes da sessão, à medida das secções na narrativa produzida pela associação livre, destacam-se essas cenas que encerram o sentido.

Pouco a pouco, corte após corte — cortes providenciados pelo ato analítico nesses instantes significativos —, suspende-se e reduz-se o sentido da neurose até seu princípio. Em consequência do ato, distingue-se, destaca-se o princípio literal da neurose — o litoral do Real pelo enlaçamento das três dimensões RSI.

O dispositivo analítico, associação livre vetorizada pela transferência e pela interpretação, re-produz a escrita da neurose da novela familiar. O ato do analista,

13 Companhia teatral francesa fundada em Paris (1964) por Ariane Mnouchkine. No Brasil, em 2007, a peça *Les éphémères* foi apresentada em São Paulo e em Porto Alegre.

atualizado por seu corte, produz a letra. O corte da sessão suspende o sentido, suspende o sujeito no intervalo da não resposta do Outro. Ele faz valer o intervalo — interdito —, atualizando, aí, o dizer que sustenta todos esses volteios, todas as voltas nos ditos, produzindo, extraindo “Nonada” das piruetas de Riobaldo, para dar forma ao mal e aos “100 nomes ao diabo” (Rosa, 2001, p. 749).

Do que não cessa de se inscrever — ficção — ao que cessa de não se inscrever: Nonada, escrita.

O discurso analítico tem consequência, de escrita.

A escrita, na clínica, é a consequência do que o ato analítico possibilitou como inscrição, como leitura e como escrita.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (1973). Le début du traitement. In *La technique psychanalytique*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1975). La création littéraire et le rêve éveillé. In *Essais de psychanalyse appliquée; idées*. Paris: Gallimard.
- Freud, S. (1986). *Le délire et les rêves dans la Gradiva de Jensen*. Paris: Gallimard. (Trabalho original publicado em 1907)
- Lacan, J. (s.d.a). *Les non dupes errent — séminaire XXI (1973-74)*. Paris. (Publication hors commerce — document interne à l'A.L.I.).
- Lacan, J. (s.d.b). *L'insu que sait que l'une-bévue s'aile à mourre*. Paris (Publication hors commerce — document interne à l'A.L.I.).
- Lacan, J. (1975). *Encore — séminaire XX (1972-73)*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (1977a, 5 de janeiro). *Ouverture de la Section Clinique de l'Université de Vincennes*. Inédito.
- Lacan, J. (1977b). Présentation de la section clinique. *Ornicar*, (9).
- Lacan, J. (1991). *L'envers de la psychanalyse — séminaire XVII (1969-70)*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (2003a). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003b). Homenagem feita a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003c). Lituraterra. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2003d). Prefácio à edição inglesa do Seminário XI. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1976)
- Lacan, J. (2005). *Le sinthome — séminaire XXIII (1975-76)*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lacan, J. (2006). *D'un autre à l'Autre — séminaire XVI (1968-69)*. Paris: Éditions du Seuil.

Rosa, J. G. (2001). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Soler, C. (2 de novembro, 2008). De que modo o real ordena a verdade. In X Jornada de Formações Clínicas do Campo Lacaniano: os destinos da verdade. Rio de Janeiro. (Conferência).

Escriturar-te

Antonio Quinet

“*Stylus*, em grego, significa um instrumento pontiagudo de metal, punção que serve para furar ou gravar. É de onde se origina o termo estilo, que nos indica sua característica de risco, furo, corte, que marca o estilo do analista, cujos escritos esperamos aqui publicar.” Foi com essas palavras que dei início à apresentação de *Stylus, Link do Espaço Escola da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano*, que, como coordenador desse Espaço, criei na aurora do século XXI. A partir de seu terceiro número, esse “*link*” (laço), em 2001, *Stylus* transformou-se na *Revista de Psicanálise da Associação dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Com a fundação da Internacional dos Fóruns (IF) e da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL), *Stylus* tornou-se a *Revista da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil*. Desde então, vem trazendo os escritos dos analistas sulcando a *aletofera*, para deixar as marcas de diversos analistas que, com seus desejos, transmitem a psicanálise para o mundo.

Inspirado por uma viagem recente ao Egito, proponho ao leitor um breve ensaio introdutório, escrito com base no impacto causado por essa escrita eternizada e esculpida na pedra — a escrita hieroglífica — e no que ela pode nos ensinar sobre aquilo que emana do fala-a-ser em seu empuxo a deixar gravado com uma escrita algo que o ultrapassa e faz dele um escriba, impulsionando-o a escrever e a escrever-se, e, assim, deixar sua marca como assinatura de sua passagem singular na Terra, na qual habita como um ser-para-a-arte.

O hieróglifo é um tipo de escrita utilizada pelos egípcios entre aproximadamente 3200 e 5 Antes da Era Comum (AEC). Etimologicamente, significa inscrição sagrada ou entalhe sagrado, do grego *hierós* (sagrado) e *glyphein* (entalhar, gravar, esculpir). Apesar de poderem ser encontradas pinturas de hieróglifos, o que hoje mais nos deslumbra nas tumbas e templos faraônicos — e que permanece pulsando através dos séculos — são os hieróglifos entalhados nas pedras que compõem suas paredes (e seus objetos, como os sarcófagos). Sua designação veio, de fato, por terem sido descobertos nessas paredes e muros imensos intermináveis, todos esculpidos com desenhos, ideogramas e sinais. É uma escrita indelével, gravada em pedra, que atravessa séculos de história, para ser decifrada e admirada, pulsando para o gozo do leitor-espectador. Ela ilustra o inconsciente estruturado como uma escrita — uma escrita pictórica, que nos é revelada nos sonhos — e nos remete às marcas indeléveis, inapagáveis do inconsciente, que se materializam no rochedo do real. A linguagem gravada em pedra, que expõe o Imaginário de suas

figuras, o simbólico de sua linguagem, na dureza do real da pedra. Os hieróglifos permanecem lá, para o gozo e o deciframento do espectador a advir como leitor.

Figura 1. Hieróglifos do Egito.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Os hieróglifos não constituem uma mística ou mitologia religiosa, como seu nome grego poderia indicar. O hieróglifo era uma língua escrita e falada. Os egípcios chamavam-no *mdw-ntr*, “palavra de Deus”, ou “a letra sagrada” (*ta hiera gramata*). Seu qualificativo “de Deus” nos indica que a fonte da escrita é o Outro divinizado, para além do sujeito, de seu eu — um lugar dito sagrado, do qual vem a inspiração da escrita, o lugar do Outro, chamado por Lacan de Inconsciente. A escrita: uma formação do inconsciente.

A palavra esculpida vinda do Outro divinizado é uma epifania, como nos revelam James Joyce e os escritos inspirados da psicose. Ela vem do alhures, sim, mas precisa do ato da escrita. Não basta escutar ou se aperceber de algo que lhe advém do Outro. É preciso, para a epifania virar uma produção (que pode ser artística), tomar ato de sua palavra “sagrada” e gravá-la na pedra ou no papiro. Implica um ato: o ato da escrita, a arte da escrita. Mas será toda escrita uma epifania? A chuva de lalíngua se apodera do fala-a-ser, que sulca a pedra e grava letras, sinais, símbolos. Assim nasce a escrita. Lalíngua toma o corpo do escriba, que grava o que se deposita como letra — na conjunção do simbólico da linguagem com a pedra

do real. Eis o que nos é revelado nas formações do inconsciente real e na poesia. E pode ser lido na escrita hieroglífica.

Segundo Solé, Valbelle e Davies (2006), a escrita hieroglífica “não era para os egípcios apenas um sistema de escrita, era também uma forma de arte, cuja função era fazer viver aquilo que está gravado para toda a eternidade”. A escrita hieroglífica é a arte do bem-escrever. Ela mostra a inter-relação entre a arte e a escrita. Aí se mescla a inscrição da marca indelével da letra na conjunção captada artisticamente. Isso poderia nos fazer pensar a análise como um processo que levaria o sujeito ao “*Art-dire*” (Lacan) — como um bem-dizer criativo —, refazendo suas marcas com um “bem-escrever”. E daí transmitir sua escrita e seu estilo. *Artescrita*.

Os hieróglifos são quadros em miniatura, cujos sinais não se apresentam enfileirados como em nossa escrita. Os símbolos se agrupam em quadrados ou retângulos imaginários, sem moldura entre eles, mas emparelhados, como um políptico vertical ou horizontal, conferindo um aspecto harmônico e artístico ao muro ou ao objeto no qual estão esculpidos. Cada “quadro”, representando uma palavra ou várias, apresenta-se como uma cena. Como dizem os autores citados: “Na verdade, em sua essência, são versões em pequena escala dos principais ‘atores’ em uma cena artística” (Solé, Valbelle, & Davies, 2006, p. 199). Assim, os hieróglifos são como as cenas do sonho, uma formação do inconsciente teatral.

Segundo Hussein (2009), a língua do Antigo Egito mudava constantemente, em razão das necessidades e inovações, sobretudo no que concerne às formas e figuras de seu “alfabeto” (nome até inadequado para se falar de hieróglifo). Já nas primeiras dinastias dos faraós, apareceu uma escrita, “a escrita hierática”, ou o hierático, que abreviava sua forma, para facilitar e dar mais ligeireza à escrita, até o surgimento, na sétima dinastia, de outra escrita, que reduzia mais as formas e figuras, chamada de demótico, escrita demótica, ou escrita popular.

“Tudo o que se refere propriamente à escrita”, diz Lacan, no seminário *A identificação*, lição de 20 de dezembro de 1961,

e não simplesmente ao desenho, é algo que sempre começa com o uso combinado desses desenhos simplificados, desses desenhos abreviados, desses desenhos apagados, que são chamados, de forma variada e inadequada, de ideogramas em particular. A combinação desses desenhos com um uso fonético dos mesmos sinais que parecem representar a combinação de dois significantes, tal como aparece, por exemplo, evidente nos hieróglifos egípcios. (Lacan, 1961-1962)

Os hieróglifos egípcios são um sistema de escrita complexo, que mistura ideogramas, fonogramas e determinativos para representar objetos, sons e conceitos. Esses textos eram lidos na direção para a qual os sinais (animais, humanos) olhavam. A interpretação baseia-se em identificar se o sinal representa um som, o objeto em si ou apenas classifica a palavra (determinativo). Alguns autores contestam que existisse exatamente um alfabeto, pois foram detectados de 700 a 1.000 sinais compondo frases e textos ao longo dos anos da existência dos hieróglifos. Mas é possível, com base nos signos mais frequentemente encontrados, compor um alfabeto básico com três sinais: o ideograma (ou logograma), o fonograma e o determinativo.

Figura 2. Alfabeto hieroglífico.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O ideograma representa uma palavra ou um conceito; o fonograma equivale ao fonema, ou seja, representa um som; e o símbolo determinativo indica o sentido. Todos eles são formados por figuras, desenhos, imagens, tratando-se, portanto, de uma escrita pictográfica gravada na pedra que prima pela beleza.

Um mesmo sinal pode ser um ideograma (uma palavra) ou um fonograma (uma letra, ou duas ou três letras juntas), dependendo de como se situa na frase e de sua combinação com outros sinais. A escrita hieroglífica é repleta de figuras, imagens simples. Um abutre representa a letra “a”; uma coruja, o “m”; uma corda dobrada, o “S”; uma cobra, o som “dj”; um leão, o “l”; um laço, o “o” etc. Os determinativos são também ideogramas, ou seja, grafismos que representam um conceito ou uma ideia: homem, mulher, criança, rei, múmia, pé, pênis, barco, árvore etc.

Figura 3. Alfabeto dos ideogramas.

	Homme		Visage		Bras étendus
	Femme		Yeux		Avant-bras
	Enfant		Cheveux		Main
	Soldat		Oreille		Poignée
	Roi		Nez		Doigt
	Momie		Bouche		Phallus
	Reine		Poitrine		Jambes en action
	Homme dance		Deux lèvres		Jambe pliée
	Roi, prince		Bras levés		Pied
	Tête		Bras abaissés		Orteils

Fonte: Acervo pessoal do autor.

Sonhos

Assim como os hieróglifos, os sonhos são escritos em linguagem pictórica. Freud compara sua interpretação à do hieróglifo. Ele nos mostra a exigência de figurabilidade — a transformação dos pensamentos oníricos em imagens. Essa exigência, que em alemão é *Darstellbarkeit*, Lacan a chama de “consideração para com os meios da encenação”, ou simplesmente encenação, *mise-en-scène* de uma dramaturgia que se encontra escrita com palavras no conteúdo latente do sonho, lá onde estão os pensamentos oníricos que originaram o sonho. Esse se forma em imagens cênicas a partir da encenação desses pensamentos, para serem exibidos em uma Outra cena, o palco do inconsciente.

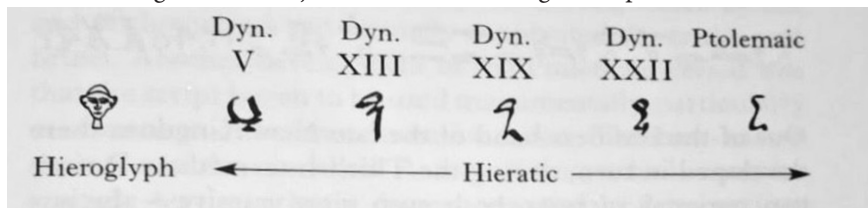
Trata-se, portanto, no sonho, de escrita, sim. Porém, mais do que pictórica, é uma escrita cênica, como nos mostram os hieróglifos. Destarte, poderíamos formular que o inconsciente é estruturado como um escrito — escrito pictográfico que retrata uma cena a ser lida como um texto teatral. Tal como podemos ler um hieróglifo, por exemplo, com uma mulher sentada ao lado de um leão, na frente um abutre e em cima uma corda em forma de laço. E na frente de tudo isso um pato e um sol

apontando que ela deve ser venerada como filha de Rá, o deus-sol. Essa cena hieroglífica, que acabei de inventar, poderia aparecer em um sonho, demonstrando que o inconsciente é estruturado como um teatro, ou seja, uma escrita cênica, como apresento em meu livro *O inconsciente teatral*. (Quinet, 1999). Podemos ler os hieróglifos como uma sucessão de cenas esculpidas que se sucedem e se encadeiam, constituindo, assim, uma escrita narrativa que “fala” sobre alguém ou algo. O hieróglifo é um registro de um espetáculo teatral cena a cena, que retrata a montagem de uma dramaturgia. O hieróglifo é um *story board* das cenas de um espetáculo. Freud nos ensinou a lermos os sonhos como se decifram os hieróglifos, transformando em palavras sua escrita pictórica encenada no teatro do inconsciente.

Da imagem ao traço unário

Na origem da escrita, temos a imagem — eis o que aparece em diversas escritas, como a cuneiforme, a hieroglífica e a chinesa. Colocamos, aqui, as duas escritas hieroglíficas e a hierática (a demótica se assemelha muito a ela), para mostrar como a imagem foi desaparecendo, dando origem aos traços correspondentes às letras e a uma escrita corrida.

Figura 4. Evolução da escrita do hieróglifo ao ptolemaico.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Na passagem da escrita hieroglífica para a escrita hierática, a imagem se apaga e dá origem à letra que compõe a caligrafia. “A imagem”, diz Lacan (1961-1962), na lição de 20 de dezembro de 1961, “torna-se um ideograma à medida que perde, à medida que apaga cada vez mais seu caráter imagético”. Assim como ocorreu com a escrita cuneiforme, nada da origem das imagens hieroglíficas é mais reconhecível, mas algo dessa permanece como marca. Continua Lacan:

O fato de existirem transições (na escrita) apenas reforça nossa posição, a saber, que o que é criado é — em qualquer nível em que vemos a escrita emergir — uma bagagem, uma bateria de algo que não temos o direito de chamar de abstrato no sentido em que o usamos hoje quando falamos de pintura abstrata, porque são de fato traços, que vêm de algo que é figura-

tivo em sua essência, e é por isso que pensamos que é um ideograma. Mas é uma figuração apagada — vamos usar a palavra que inevitavelmente nos vem à mente aqui — recalcada, até mesmo rejeitada. O que resta é algo da ordem desse traço unário na medida em que funciona como distintivo, na medida em que pode ocasionalmente desempenhar o papel de marca.

E, na lição seguinte, de 10 de janeiro de 1962, Lacan (1961-1962) retoma esse tema, avançando na origem da escrita:

Se o traço surge do objeto, é algo do objeto que o traço retém, precisamente a sua unicidade. O apagamento, a destruição absoluta de todas as suas outras emergências, de todas as suas outras extensões, de todos os seus outros apêndices, de tudo o que pudesse ser ramificado, pulsante, bem! esta relação do objeto com o nascimento de algo que aqui é chamado de signo, na medida em que nos interessa o nascimento do significante.

O traço que substitui a imagem retém algo pulsante que essa retratava, constituindo-se como marca, que Lacan situará como da ordem do Real — o traço distintivo da imagem que pulsa na escrita.

É a partir do apagamento da imagem na constituição da escrita e do traço que lhe substitui, deixado como marca da figura apagada, que Lacan vai desenvolver sua teoria do traço unário e do nome próprio.

A escrita e o nome próprio

Diz Lacan na lição de 20 de dezembro de 1961:

O nome comum parece se referir ao objeto na medida em que traz consigo significado. Se algo é um nome próprio, é porque não é o significado do objeto que ele traz consigo, mas algo que é da ordem de uma marca aplicada, por assim dizer, ao objeto, sobreposta a ele, e que, como resultado, estará tanto mais intimamente ligada a ele quanto menos aberta for — devido à ausência de significado — a qualquer participação com uma dimensão através da qual este objeto transcende a si mesmo, comunica-se com outros objetos. (Lacan, 1961-1962)

Em suma, os nomes comuns conservam a marca do objeto cuja imagem foi recalcada e suas relações com os outros objetos.

O nome próprio é a marca do sujeito, que só representa pessoa em sua individualidade, como um traço distintivo, que não transcende a si mesmo e não adqui-

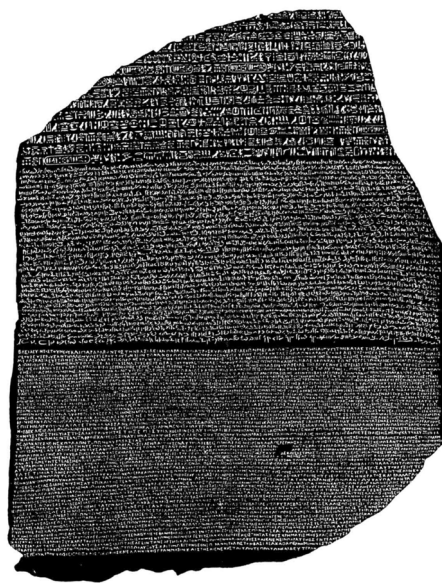
re sentido nenhum por não se comunicar — na escrita — com outros traços dos objetos comuns, ou seja, com os nomes comuns. Podemos captar melhor essa proposta de Lacan ao abordar com ele os cartuchos com os nomes dos faraós — o que nos remete à história da egiptologia e ao deciframento do primeiro hieróglifo que levou à reconstituição de seu alfabeto.

A Pedra de Roseta

Jean-François Champollion, filólogo francês, e sua equipe descobriram a *Pedra de Roseta* (hoje no British Museum, em Londres) em 1799, decifraram os hieróglifos nela inscritos em 1822 e publicaram o resultado da pesquisa em 1824, no livro *Breviário do sistema hieroglífico*, que revolucionou a egiptologia e despertou no mundo ocidental o interesse pelo Egito. Em 1828, o filólogo escreveu *A gramática egípcia*, com base na continuação de suas pesquisas.

A Pedra de Roseta (um bloco de granodiorito de 1,14 metro, incompleto) é escrita/esculpida em três línguas: o hieróglifo, o demótico e o grego.

Figura 5. Pedra de Roseta.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Especialista em grego, latim, hebraico, copta e egípcio antigo, Champollion conseguiu decifrar a escrita hieroglífica não só pela comparação dessa com o grego, mas fundamentalmente a partir da repetição do nome próprio de Ptolomeu V,

a quem a inscrição na Pedra era dedicada. E, em segundo lugar, pela repetição do nome de Cleópatra I, rainha e esposa de Ptolomeu V.

Lacan compara o analista a um decifrador em seu seminário *A identificação*:

O que esperamos, como criptógrafos e linguistas? É discernir nesse texto indecifrado (do hieróglifo) algo que bem poderia ser um nome próprio. Porque existe essa dimensão à qual surpreende que o Sr. Gardiner não recorra, ele que tem, afinal, como líder o pioneiro de sua ciência, Champollion, e que não se lembre de que foi em conexão com Cleópatra e Ptolomeu que toda a decifração dos hieróglifos egípcios começou, porque, em todas as línguas, Cleópatra é Cleópatra, Ptolomeu é Ptolomeu. (Lacan, 1961-1962)

Foi com base na repetição do nome dos reis em forma de cartucho na escrita hieroglífica que o princípio do deciframento foi descoberto.

Figura 6. Cartuchos com os nomes próprios.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Os nomes dos faraós eram escritos em cartuchos, um retângulo com os vértices em curva, uma forma oblonga, dentro do qual havia os sinais, letras, ideogramas e determinativos que constituíam seu nome. O nome de “cartucho” foi dado pelos soldados franceses da tropa de Napoleão Bonaparte, que identificaram essas formas inscritas nas tumbas e templos egípcios com os cartuchos de suas balas.

O texto da Pedra de Roseta é um édito em louvor ao faraó Ptolomeu V (323-230 AEC) e a suas ações, com as devidas justificativas, para que fosse divinizado em uma época em que o Egito estava sendo governado pelos gregos e precisava manter o faraó para estabilizar o governo. Por isso aparece diversas vezes o nome do faraó escrito em língua sagrada (hieróglifo), do povo (demótico) e do poder (grego).

Os cartuchos e o nome próprio

O cartucho é uma representação do nome próprio, o qual não é, portanto, um significante qualquer. Ele é uma marca, uma inscrição, um entalhe, da ordem de uma escrita para o sujeito. O que o cartucho nos ensina é que o nome próprio é

um traço entalhado que representa o sujeito não em sua divisão, mas em sua unicidade, como Um, único, um S1 sozinho, um significante sem sentido, que remete a ele mesmo. Dentro da escrita hieroglífica, o cartucho isola, delimita, distingue e destaca o nome próprio no meio do texto.

O cartucho, assim como o nome próprio, é a marca de representação do sujeito como um traço unário, que não é um significante que representa o sujeito para outro significante, é o traço do sujeito, seu traço distintivo. O nome próprio se caracteriza por seu traço distintivo como material sonoro e marca do sujeito. E, daí, Lacan propõe a articulação do nome próprio com a escrita com base na marca que constituirá a letra. Ainda no mesmo seminário, em 10 de janeiro de 1962, diz Lacan (1961-1962): “Postulo que não pode haver definição de nome próprio, exceto na medida em que percebemos a relação do ato de nomear com algo que, em sua natureza radical, é da ordem da letra.” A escrita do nome próprio contém uma função nomeadora do próprio sujeito, cuja marca escrita ele desconhece, e que, no entanto, encontra-se na origem do inconsciente. Diz Lacan que

(...) no ato da enunciação existe essa nomeação latente que pode ser concebida como o primeiro núcleo, como significante, daquilo que então se organizará como uma cadeia giratória, como sempre representei para vocês, a partir deste centro, deste coração falante do sujeito que nós chamamos de inconsciente.

Assim, o nome próprio aparece em sua enunciação como a marca do sujeito escrita no real da pedra: sua assinatura.

Os faraós tinham dois tipos de cartucho com seu nome: um cartucho com o nome próprio que haviam recebido ao nascer e outro com o nome que recebiam em sua coroação. Em suma: o nome de nascimento e o nome que ele fez.

Figura 7. Cartuchos com nomes próprios.



Tutankamon

Akhenaton

Ramsés II

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O nome de nascimento é o nome dado pelo Outro, que faz o sujeito entrar em uma filiação, ser alienado a esse Outro e à história que o nome carrega, e o desejo do Outro do qual o nome é a marca, seu *made in*, traço de sua origem e preenhe dos ideais do Outro. Mas há um segundo nome, que, como o cartucho com o nome da coroação, é um nome próprio construído, criado, inventado, marca de sua singularidade, de seus feitos e atos, de sua história, aquilo que o tornou singular e lhe possibilitou criar sua marca, sua grife, em suma, seu estilo. Como um faraó, o sujeito faz um nome. É a marca de seu escabelo e de seu poder.

Essa distinção de dois nomes próprios, podemos encontrá-la na psicanálise por meio do que nos ensinam os analisantes e os artistas. Todos recebemos um nome ao nascer, que acabamos adotando como o nome que nos representa, com o qual o sujeito se apresenta e é apresentado. Outra coisa é “fazer um nome”, como Joyce fez com sua arte, que, no caso, não foi feito com o Nome-do-Pai, em razão de sua forclusão de fato, mas, sim, a partir de sua escrita artística. Em seu caso, fazer o nome foi fundamental para a constituição de seu ego, na medida em que sua arte lhe deu um assento, um banquinho, um escabelo. E ele pôde escrever-se, inscrever-se. E fazer dessa escrita *sinthome*.

O “fazer um nome” é ir para além do nome próprio recebido ao nascimento, marca do desejo do Outro, com toda a carga que ele lhe traz. Trata-se de poder servir-se do Nome-do-Pai, ao qual esse nome está atrelado, e dispensá-lo, para criar seu nome próprio, com seu estilo e sua assinatura. Para além do nome próprio do Outro, o sujeito tem a potência de fazer um nome de sua “coroação” como ser-para-a-arte e escrever-se. E tornar-se, assim, um singular.

Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1961-1962). *A identificação*. Lição de 20 de dezembro de 1961. Inédito.
- Hussein, A. (2009). *Hieroglyphics*. Egypt: Amr Hussein Editions.
- Quinet, A. (1999). *O inconsciente teatral*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições.
- Solé, R., Valbelle, D., & Davies, W. V. (2006). *The Rosetta Stone: the decipherment of the hieroglyphics*. London: The Folio Society.

Sobre os autores

Alba Abreu Lima

Psicanalista. Analista Membro de Escola (AME) da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano (EPFCL). Membro do Fórum do Campo Lacaniano Aracaju (FCL-Aracaju).

E-mail: albabreulima@hotmail.com

Ana Laura Prates

Psicanalista, escritora e editora. AME da EPFCL. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP). Doutora pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp). Tem pós-doutorado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Pesquisadora convidada do Laboratório de Estudos Urbanos da Universidade Estadual de Campinas (Labeurb/Unicamp). Autora, entre outros, de *Feminilidade e experiência psicanalítica*, *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia* e *Antígona, nome (im)próprio*. Apresentadora do *Ouvindo Vozes GGN*.

E-mail: apratespacheco@gmail.com

Ana Paula Lettiere Fulco

Psicanalista e psicóloga. Membro do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro (FCL-RJ). Professora universitária.

E-mail: lettierifulco@hotmail.com

Andréa Brunetto

Psicanalista e psicóloga. AME da EPFCL. Membro-fundador do Fórum do Campo Lacaniano de Mato Grosso do Sul (FCL-MS) e do Ágora Instituto Lacaniano.

E-mail: brunetto@terra.com.br

Andréa Franco Milagres

AME da EPFCL. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte (FCL-BH). Mestre em psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: andreamilagres@gmail.com

Andréa Hortélio Fernandes

AME da EPFCL. Membro do Fórum do Campo Lacaniano Salvador (FCL-Salvador). Professora titular aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (IPSS/UFBA). Doutora em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Universidade Paris 7.

E-mail: ahfernandes03@gmail.com

Antonio Quinet

Psicanalista e psiquiatra. AME da EPFCL-Brasil. Membro do FCL-RJ. Doutor em filosofia pela Paris 8. Professor universitário na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Escritor, dramaturgo, diretor de teatro e ator, é diretor da Cia. Inconsciente em Cena, patrono do Freud Museum (Londres) e membro da Academia de Letras e Artes do Estado do Rio de Janeiro. Escreveu e dirigiu diversas peças publicadas e encenadas em várias cidades do Brasil e do exterior, entre as quais *Hilda e Freud* e *Freud e o Homem dos Ratos*. É autor de livros publicados no Brasil, sendo o último *O que faz o psicanalista* (Editora Zahar), e também no exterior, entre os quais *L'inconscient théâtral : psychanalyse et théâtre* (Éditions Nouvelles du Champ Lacanien, Paris), *La cité et ses maîtres fous* (Éditions Stilus, Paris), *La política del psicoanalista: del diván a la polis* (Asociación Foro del Campo Lacaniano de Medellín, Colômbia), *Psicosis y lazo social: esquizofrenia, paranoia* (LetraViva, Buenos Aires), *Şehrin Deli Efendileri* (Axis Yayinlari, Istambul) e *Lacan's clinical technique: Lack(a)nian analysis* (Karnac Books Ltd., Londres). É também autor e organizador de várias coletâneas de psicanálise, entre elas *As homossexualidades na psicanálise: e a história de sua despatologização* (Ato e Divãs Edições) e *Diversité, identité e singularité* (Éditions Stilus, Paris).
E-mail: antonioquinet@gmail.com

Christian Ingo Lenz Dunker

Psicanalista. AME da EPFCL. Membro do FCL-SP. Professor titular em psicanálise e psicopatologia do Ipusp. Tem pós-doutorado pela Manchester Metropolitan University.
E-mail: chrisdunker@usp.br

Daniela Scheinkman

Psicanalista. Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) e do Fórum do Campo Lacaniano de Brasília (FCL-BSB). Professora titular do Departamento de Psicologia Clínica e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: daniela.scheinkman@gmail.com

Dominique Touchon Fingermann

Psicanalista. AME da EPFCL. Membro do Fórum do Campo Lacaniano da França (FCL-França). Pratica a psicanálise em São Paulo e em Nîmes (França). Desde 1989, é engajada local, nacional e internacionalmente na transmissão da psicanálise e na formação do psicanalista. Foi membro-fundador do Campo Lacaniano no Brasil em 1998. É autora de diversos artigos publicados em livros e revistas nacionais e internacionais, assim como do livro *Por causa do pior* (Iluminuras, 2005), em coautoria com Mauro Mendes Dias, organizadora de *Os paradoxos da repetição* (AnnaBlume,

2014) e autora de *A (de)formação do psicanalista* (Escuta, 2015) publicado também na Argentina (Escabel) e na França (Éditions Nouvelles du Champ Lacanien, Paris).
E-mail: dfingermann@gmail.com

Elynes Barros Lima

Psicanalista e psicóloga. Membro da EPFCL, do Fórum do Campo Lacaniano de Fortaleza (FCL-Fortaleza) e da EPFCL-Brasil. Secretária da Comissão de Gestão da EPFCL-Brasil 2025-2026.
E-mail: elynesbl@gmail.com

Geísa Batista de Freitas

Psicanalista e psicóloga especializada em psicologia clínica. Membro da EPFCL, da Internacional dos Fóruns (IF) da EPFCL e do FCL-RJ.
E-mail: geisafreitas.gf@gmail.com

Glaucia Nagem de Souza

Psicanalista e artista visual. AME da EPFCL-Brasil. Membro do FCL-SP. Doutora pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP. Responsável pelo Seminário Oficina de Topologia do FCL-SP. Coordenadora das redes de pesquisa Diagnosticar em Psicanálise e As Articulações de Lalíngua na Obra de Lacan.
E-mail: glaucia.nagem@uol.com.br

Ida Freitas

Psicanalista. AME da IF-EPFCL. Membro do FCL-Salvador. Especialista em psicologia clínica pelo Conselho Regional de Psicologia da Bahia (CRP-BA). Organizadora da coletânea *Angústia* (Campo Psicanalítico, 2006).
E-mail: idafreitas55@gmail.com

Joseane Garcia

Psicanalista e psicóloga. Membro da EPFCL e membro-fundador do Fórum do Campo Lacaniano – Região Serrana RJ (FCL Região Serrana/RJ). Especialista em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutora e mestre em psicanálise pela Uerj. Professora e supervisora clínica do curso de psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Professora da Pós-graduação *Lato Sensu* em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Professora da Pós-graduação *Lato Sensu* Fundamentos da Psicanálise: Teoria e Clínica do Instituto de Ensino Superior em Psicologia e Educação (Espe). Autora do livro *O fenômeno psicossomático e o objeto a* (Appris, 2021).
E-mail: josie.garcia2@gmail.com

Julie Travassos

Psicanalista. Membro de Escola da EPFCL-Brasil e do FCL-RJ. Professora da Unigranrio.

E-mail: julie.travassos@gmail.com

Maria Helena Martinho

Psicanalista. Membro da EPFCL-Brasil e do FCL-RJ. Professora e supervisora clínica do curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC-Rio.

E-mail: mhmartinho@yahoo.com.br

Rosana Maldonado

Psicanalista e psicóloga. Membro da IF-EPFCL. Especialista em psicologia clínica pela PUC-Rio. Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pela Uerj. Professora e supervisora clínica da Pós-graduação em Psicanálise do Centro de Ensino, Pesquisa e Clínica em Psicanálise (Cepcop) da Universidade Santa Úrsula (USU).

E-mail: rosanamaldonadotorres@gmail.com

Silvana Souza Pessoa

Psicanalista e psicóloga. Membro de Escola. AME. Membro do FCL-Salvador. Especialista em psicologia clínica pelo Conselho Regional de Psicologia (CRP). Mestre em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp). Autora de diversos artigos em revistas nacionais e internacionais sobre a práxis e a teoria psicanalítica em intensão e extensão.

E-mail: silvanapessoa855@gmail.com

Sonia Alberti

Psicanalista. AME da EPFCL. Membro do FCL-RJ. Professora titular e procientista da Uerj. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Autora de *Esse sujeito adolescente*, *O adolescente e o Outro*, *Crepúsculo da alma: a história da psicologia no Brasil no século XIX*, além de ter publicado vários artigos.

E-mail: sonialberti@gmail.com

Vera Pollo

Psicanalista. AME da EPFCL e da IF-EPFCL. Tem pós-doutorado em teoria psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora titular do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Psicanálise, Saúde e Sociedade da UVA.

E-mail: verapollo8@gmail.com

